

TAUBATÉ *

ESTUDO DE GEOGRAFIA URBANA

NICE LECOCQ MÜLLER

TAUBATÉ, CIDADE LOCALIZADA EM PLENA BACIA SEDIMENTAR DO PARAÍBA

Localizada no vale médio do rio Paraíba, estado de São Paulo, em uma das mais amplas e significativas bacias pliocênicas do Brasil tropical atlântico, com cerca de 112 quilômetros de comprimento e largura média de 20 quilômetros, Taubaté ocupa posição geográfica excepcional. Tanto em relação a todo o conjunto da bacia quanto à sua porção mais larga, a situação de Taubaté é de centralidade, fato que, por si só, justifica a denominação de bacia de Taubaté para aquela unidade geológica. De todas as cidades da bacia terciária, é ela a que fica mais distanciada do rio Paraíba — cerca de 6 quilômetros — que, assim, não é, apenas, ausente em sua paisagem, como também não participa da vida urbana. Por outro lado, dentre as cidades localizadas em terraços, é a que mais se aproxima da área de colinas terciárias, que formam parte de seu assoalho e a emolduram em toda a parte meridional.

A maior parte da cidade de Taubaté está assentada sobre terrenos sedimentares com altitude média de 570-575 metros, mas de seu sítio urbano também participam dois outros elementos: a) uma superfície

* O presente trabalho resulta de pesquisa experimental de treinamento, efetuada por professores secundários de Geografia, do Vale do Paraíba, Litoral Norte e área vizinha da Mantiqueira, no decorrer do Seminário de Geografia, organizado pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, realizado na cidade de Taubaté, de 5 a 12 de novembro de 1961.

O trabalho de campo foi orientado pelos professores AROLDO DE AZEVEDO e NICE LECOCQ MÜLLER, tendo contado com as seguintes equipes:

1 — *Localização geográfica e estrutura urbana*: NICE LECOCQ MÜLLER (chefe), MAGALI THOMAZ DE AZEVEDO, NAZARETH VIEIRA DA SILVA, LAY VILELLA NUNES e EDNA FLEURY DE AZEVEDO.

2 — *Aspectos demográficos*: JOFFRE ALVES FURQUIM (chefe), MARIA APARECIDA VALENTE MOREIRA, NELSON CONFALONI, NAZARETH VIEIRA DA SILVA e MAGALI THOMAZ DE AZEVEDO;

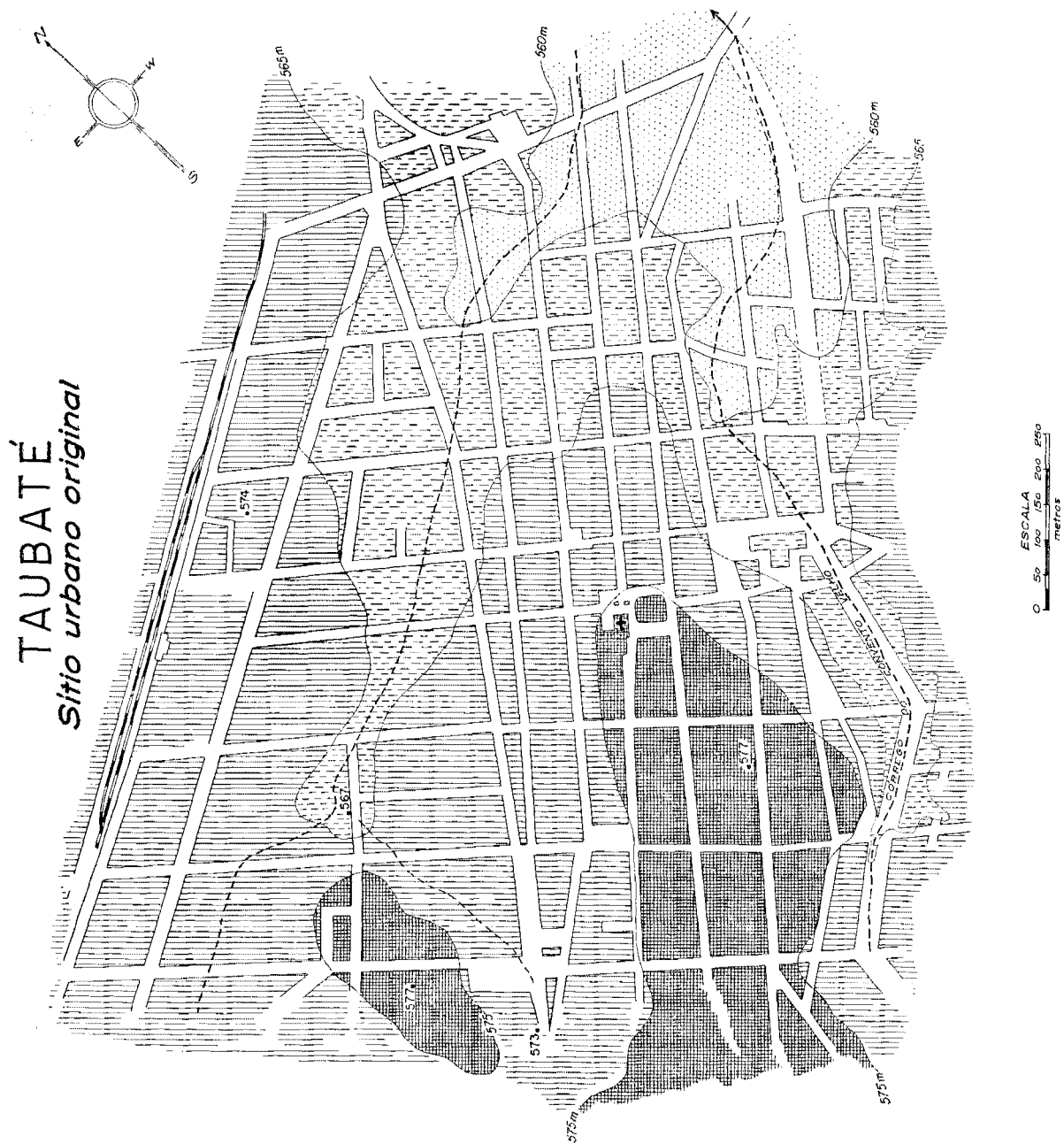
3 — *Evolução urbana*: JOSÉ AUGUSTO BARTOLO e JOSÉ GERALDO EVANGELISTA (chefes), DAISY FERREIRA GUIMARÃES e MARIA MORGADO DE ABREU;

4 — *Funções urbanas*: AROLDO DE AZEVEDO (chefe), LUIZ ORLANDO S. DE OLIVEIRA, DIRCE IVAMOTO, DIVA BELTRÃO DE MEDEIROS, NAZARETH VIEIRA DA SILVA, JOSÉ GERALDO EVANGELISTA, MARIA MORGADO DE ABREU, MITSUKO IDÊ, MARIA APARECIDA TOLEDO PINTO, MARIA DINÊA M. DUCATTI, EDU DE MATTOS ORTIZ, DINAH CARVALHO CURSINO, MARIA AMÉLIA MERCADANTE TURCI, JOFFRE ALVES FURQUIM, JAIR GERALDO LOPES DA SILVA, MARIA ALTAIR GOUVÊA PRADO, JOSÉ WALTER TEIXEIRA PINTO, NEY MAGINA, NELSON CONFALONI, LEO NOGUEIRA DE AZEVEDO, OLYMPIO NORBERTO ZAPPILLE, JOSÉ MARIA PRIANTI e JOSÉ CINTRA DE ANDRADE;

4 — *Circulação interna e regional*: DIVA BELTRÃO DE MEDEIROS (chefe), MITSUKO IDÊ, EDU DE MATTOS ORTIZ e JOSÉ MARIA PRIANTI.

Os resultados da pesquisa não puderam abranger nem toda a cidade de Taubaté, como no levantamento funcional, nem todos os aspectos que deveriam, a rigor, aparecer numa monografia de geografia urbana. O fato deriva do próprio tipo de trabalho, que visou, basicamente, o treinamento dos participantes do seminário em um tipo de pesquisa geográfica, sem nenhuma pretensão de esgotar o assunto. No entanto, mesmo com essas limitações, julgamos interessante publicar esses resultados, que atestam o aproveitamento alcançado, através do trabalho em equipe; além disso, na nossa ainda parca bibliografia de geografia urbana, esta não deixa de ser uma contribuição.

Assim, na qualidade de relator geral da pesquisa realizada, cumpro o grato dever de apresentar o estudo levado então a efeito, sobre a cidade de Taubaté.



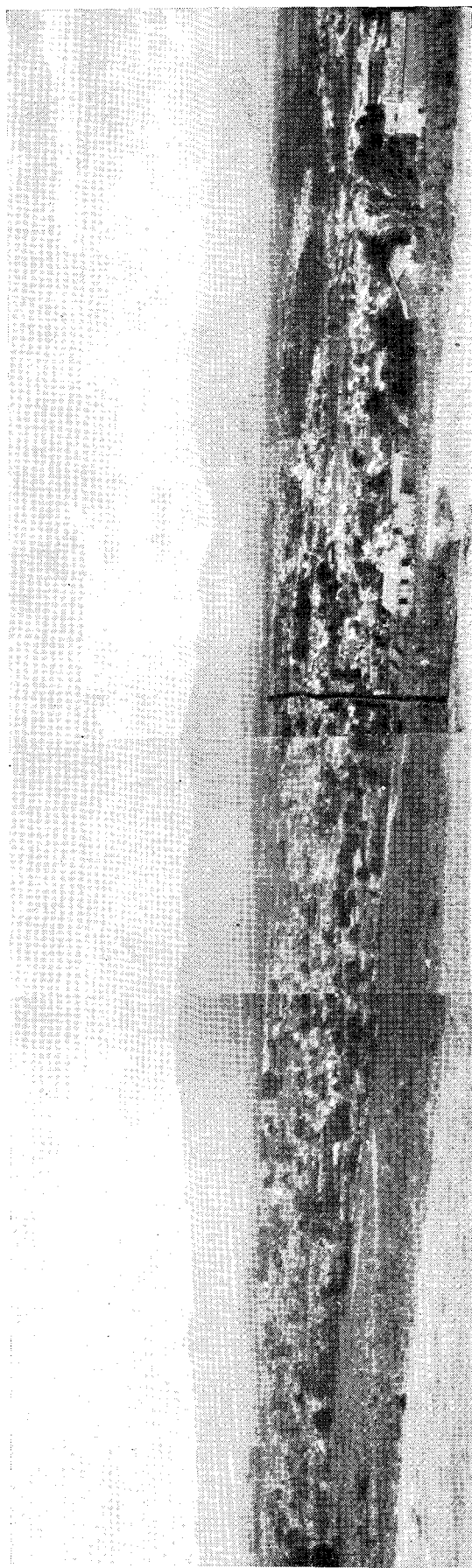


Fig. 2 — A cidade de Taubaté vista do monumento a Cristo Redentor. Percebe-se, em primeiro plano, o contato do nível das colinas com o nível dos 570-575 m. Este, visto ao longe, dá a impressão de superfície plana. Foto OLYMPIO NORBERTO ZAPPALÉ.

com nível de 550-555 metros e b) as colinas terciárias, com altitudes de 640-680 metros.

Taubaté nasceu no nível de 570-575 metros, numa área levemente ondulada, entre o córrego do Convento Velho e um seu pequeno afluente que, totalmente canalizado, é hoje muito pouco perceptível na paisagem. A presença dos cursos d'água deve ter sido fator importante na escolha do sítio, pois áreas mais planas, à borda dessa superfície, foram preteridas em favor daquela porção mesopotâmica que, diga-se de passagem, era a mais ampla dentre todas as existentes. Em seu crescimento, a cidade preencheu o espaço compreendido entre os dois pequenos cursos d'água, expandindo-se para oeste até o córrego do Judeu; este, com o córrego do Convento Velho, passaram a constituir os limites extremos da cidade no sentido L-O, apenas com tímidas penetrações além dos dois vales. Assim bitolada, a cidade transbordou para as áreas vizinhas, incluindo em seu espaço urbano parte do nível mais baixo (550-555 metros) e das colinas ter-

ciárias. Seu sítio urbano oferece, pois relativa complexidade, abrangendo três níveis bem caracterizados.

A superfície dos 570-575 metros constitui, no conjunto da bacia sedimentar, um nível intermediário, denominado "nível de Taubaté", entre o de São José dos Campos (590-610 metros) e o de Tremembé (530 metros)¹. À primeira vista, dentro de uma observação de conjunto, como a que se tem do monumento a Cristo Redentor, essa superfície dá a impressão de ser plana; no entanto, percorrendo-se a cidade em diferentes direções, percebe-se que suas ruas têm suave ondulação, sensível tanto no sentido N-S quanto no E-O. Essa leve movimentação do terreno, correspondendo a desníveis da ordem de 15-20 m, resulta de entalhamento efetuado por pequenos cursos d'água que o atravessam, aí nascendo ou com cabeceiras nas colinas terciárias. Como porções mais elevadas, há pequenos esporões e elevações, recortados no sopé das colinas ou d'ele isolados pelos ribeirões, com altitude de 580 metros; os vales agem como depressões, atingindo, na área, quotas de 560-565 metros, sendo curioso indicar, também, a presença de depressões ocupadas por cursos d'água (*dales*). O nível dos 570 metros não corresponde, portanto, a uma superfície plana mas, antes, a uma área trabalhada pela erosão.

A área no nível dos 550-555 metros tem limites bastante precisos em relação à anterior, que cai sobre ela com certa aspereza, com talude em desnível de 20 metros; topograficamente, no entanto, elas são semelhantes. Também esta superfície apresenta-se trabalhada pela erosão, com as mesmas largas ondulações que, muito suavemente, vão se esbatendo à medida que desce para o nível da várzea do Paraíba (533 metros). Esta área representa amplo espaço em disponibilidade para futura expansão urbana, a suavidade de sua topografia compensando o inconveniente dos declives relativamente fortes, em certos trechos, que marcam o contato com o nível dos 570 metros².



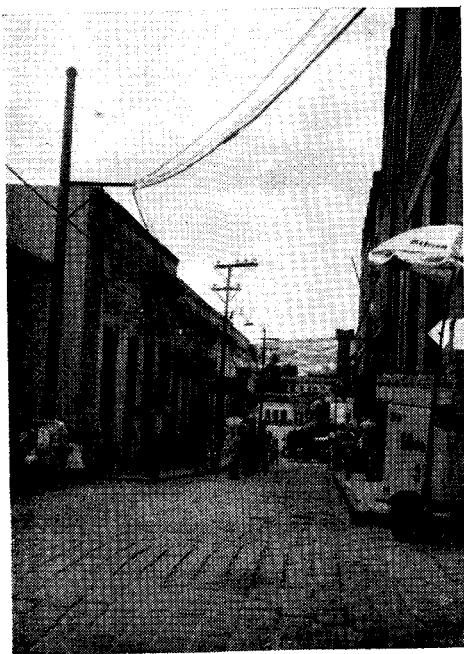
Fig. 3 — Rua Carneiro de Sousa, a tradicional rua de palmeiras imperiais de Taubaté, traço marcante de sua paisagem urbana. Nota-se o suave ondulado que caracteriza a topografia da parte mais antiga da cidade, no nível dos 570-575 m, onde tem ele maior expansão.

Foto OLYMPIO NORBERTO ZAPPILÉ

¹ AZIZ NACIR AB'SÁBER e NILO BERNARDES — "Parahyba Valley, Serra da Mantiqueira and São Paulo City and Surroundings", *Guia de Excursão n.º 4 do XVIII Congresso Internacional de Geografia*, p. 82-83.

² A presença desses dois níveis topográficos poderia sugerir a possibilidade de um processo alternado de acumulação e erosão, tendo-se, então, dois terraços escalonados; por outro lado, pode-se, também, admitir que correspondam, apenas, a dois níveis isolados pelos cursos d'água dentro de um mesmo plano de pedimento. São hipóteses que devem interessar aos especialistas, mas que não cabia aprofundar, dentro das limitações do trabalho proposto.

Na porção meridional da cidade esta começa, com certa determinação, a se expandir pelas colinas terciárias que, com borda bastante recortada, destacam-se nitidamente das suaves ondulações que se estendem em seu sopé.



Figs. 4 e 5 — A suave movimentação topográfica da principal área ocupada pela cidade (nível dos 570-575 m) é causada pela presença de pequenos cursos d'água que aí correm ou nascem. Nas fotos nota-se a inclinação correspondente à vertente esquerda do córrego do Convento Velho, nas vizinhanças do mercado.

Foto OLYMPIO NORBERTO ZAPPILÉ

A ESTRUTURA URBANA

No nível intermediário, principal porção do espaço urbano de Taubaté, a suavidade das ondulações não criou qualquer obstáculo à implantação de um traçado geométrico em “tabuleiro de xadrez”, seguindo a orientação que já fôra dada ao núcleo inicial da cidade. No nível inferior, onde estão presentes as mesmas condições topográficas, as novas áreas de expansão têm mantido a mesma concepção embora,





Fig. 6 — No contato do nível dos 570-575 metros com as colinas, o contraste topográfico é flagrante.

Foto OLYMPIO NORBERTO ZAPPILÉ



Fig. 7 — A área das colinas, de relevo mais movimentado, constitui porção de recente expansão do espaço urbano de Taubaté.

Foto OLYMPIO NORBERTO ZAPPILÉ

pela descontinuidade com que se apresentam e por corresponderem a iniciativas isoladas, sem plano de conjunto, não tenham sempre a mesma orientação ou proporção: no futuro, quando os espaços vazios forem preenchidos e os vários loteamentos se unirem, não se terá, aí, o mesmo traçado harmonioso que caracteriza a parte mais antiga da cidade. Na área de contato entre a superfície mais baixa e a intermediária, a estrutura urbana reflete certo problema de adaptação ao desnível: por vezes o espaço urbano é descontinuado no talude, a área construída da porção mais antiga chegando até sua borda para se interromper e reaparecer no sopé, as duas partes se ligando por várias vias. Outras vezes, a cidade desce de um nível para o outro por alinhamentos de construções em curva de nível, como no bloco residencial do I.A.P.I.. Outras vezes, como pequeno alargamento aplainado da faixa de transição entre as duas superfícies, nêles se estabelecem construções, formando uma ligação entre as duas áreas (como na área loteada entre a Vila Velha e a Avenida n.º 7, correspondendo ao Jardim Santa Isabel e Parque Tabaeté).

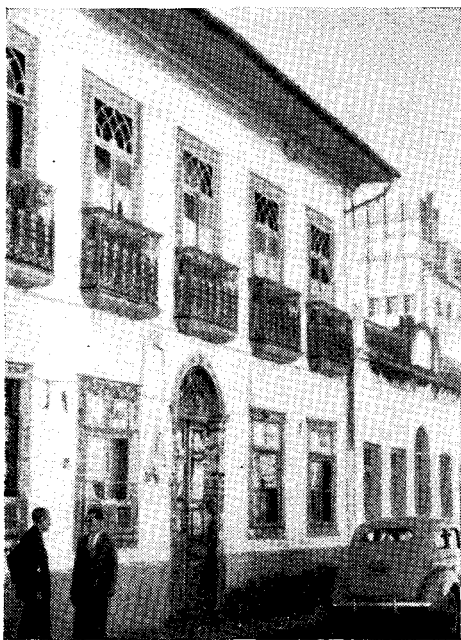


Fig. 8 — Contrastes urbanos: velhos casarões e altos edifícios aliam-se na paisagem urbana de Taubaté.

Foto OLYMPIO NORBERTO ZAPPILÉ

Nas colinas, salvo raras exceções (como o Jardim Paulista), os traçados não obedecem às curvas de nível, nelas se sobrepondo, talvez por tradição, o clássico “tabuleiro de xadrez”, sem atentar para o inconveniente das ladeiras, aí bastante sensíveis. Futuros loteamentos deveriam procurar traçado mais adaptado às condições locais, ainda mais que, dada a atração exercida pela Via Dutra, é muito provável que a cidade venha a crescer mais nessa direção.

Devido à exigüidade de sua porção central e a conseqüente valorização dos terrenos aí localizados, Taubaté começa a crescer verticalmente, contando, já, com vários edifícios. No entanto, ainda é mais marcante o seu crescimento horizontal, donde ser importante que,

para preservação de harmonia do traçado e melhor adaptação às condições locais, a expansão periférica venha a ser controlada por um planejamento de conjunto.



Fig. 9 — Aspecto de bairro periférico de Taubaté, de expansão recente, na direção da via Dutra e área das colinas.

Foto OLYMPIO NORBERTO ZAPPILÉ

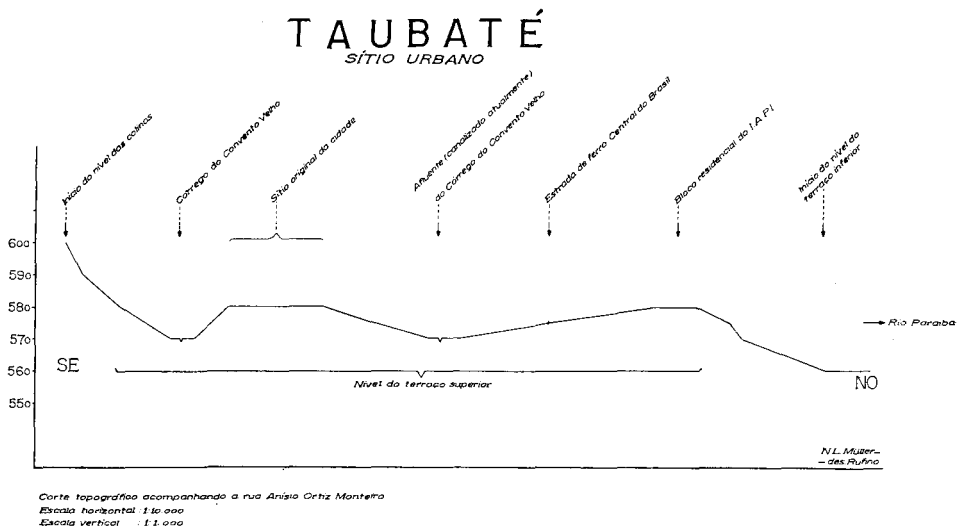


Fig. 10

TAUBATÉ - SÍTIO URBANO

ESCALA
0 100 200 300 400 500
METROS

NCE L. MULLER
Des. Ruina



Nível das colinas
Nível do terraço superior (570 m)

Sítio original
Nível do terraço inferior (550 m)

Fig. 11

TAUBATÉ NO SEISCENTISMO

No final do século XVI e início do XVII, o povoamento paulista, que até então se limitara ao litoral e ao planalto de Piratininga, começou a se expandir, alcançando a região do vale do Paraíba, inadequadamente chamada de "Norte". Entre seus primeiros colonizadores, contou com o sertanista JACQUES FÉLIX, natural de São Paulo, que para aí se dirigira na qualidade de procurador de D. MARIANA DE SOUZA GUERRA, condessa de Vimieiro e donatária da Capitania de São Vicente³. Deslocando-se com a família, grande número de escravos índios, cabeças de gado vacum e cavalar, JACQUES FÉLIX conseguiu se

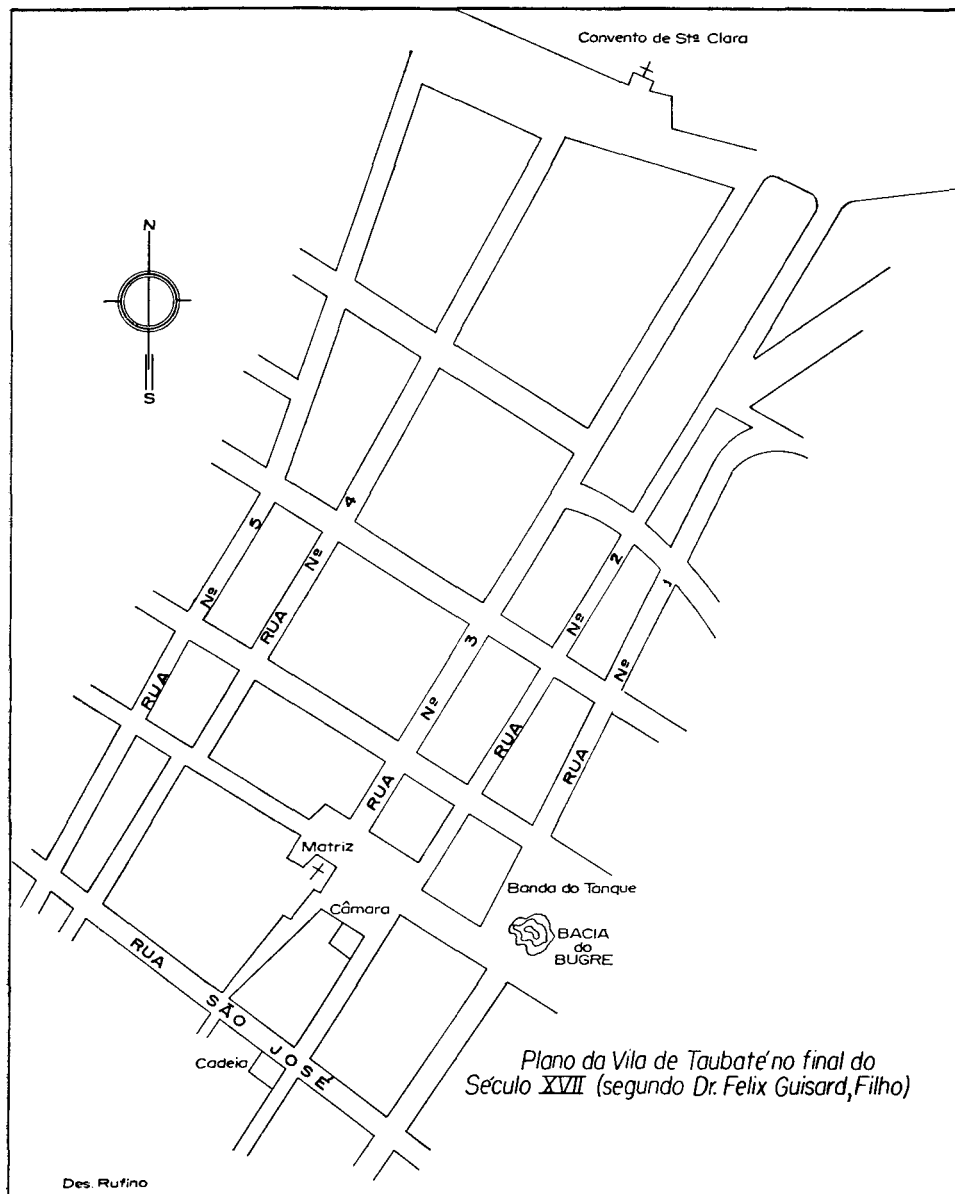


Fig. 12

³ Conforme provisão de 20-1-1636, que o encarregava de buscar minas, pacificar índios e demarcar as terras da condessa de Vimieiro.

impor aos grupos nativos dos Jeromini e dos Puri, que ocupavam a região, fundando um povoado, em local onde já existira uma grande aldeia de índios guaianazes⁴, aproveitando uma légua de terra concedida pela donatária. JACQUES FÉLIX construiu a Igreja Matriz, de taipa de pilão, levantou cadeia e casa de sobrado para o Conselho, fêz moinhos de trigo e engenho de açúcar. Pela provisão de 13-10-1639, recebeu ordem de informar estarem as obras completadas, a fim de que o povoado fôsse elevado à categoria de vila, o que ocorreu pela provisão de 5-12-1645, quando recebeu a designação de São Francisco das Chagas de Taubaté.

Em seus primeiros decênios de vida Taubaté era um núcleo bastante modesto, funcionando apenas como mero centro de uma área rural relativamente pobre, que se mantinha à custa de uma policultura rudimentar de subsistência e de alguma criação, conforme se verifica pelas cópias de testamentos da época. Contava só com dez ruas, cortando-se em ângulo reto, já com traçado em “tabuleiro de xadrez”, flanqueadas por casas rústicas de pau-a-pique, cobertas de palha. Seu espaço urbano, bastante reduzido e com grandes espaços vazios, ficava entre o córrego do Convento Velho e seu afluente hoje canalizado; as casas concentravam-se ao redor da matriz e da chamada “Banda do Tanque” (atual praça Campos Sales ou praça do Mercado), onde uma bica, denominada “do Bugre”, atendia ao abastecimento de água da população. Fora dêsse “centro”, as casas iam se rarefazendo, dispondo-se linearmente ao longo dos caminhos que levavam ao convento de Santa Clara e à saída da cidade, por uma via que, além dos fundos da cadeia, à altura do atual largo de Santa Teresinha, se bifurcava em direção de São Paulo e do litoral (Ubatuba).

A VILA DE SERTANISTAS

No final do século XVII Taubaté toma nôvo rumo, surgindo como centro difusor de bandeiras e começando a se projetar no cenário da vida colonial brasileira.

Dela saiu ANTÔNIO RODRIGUES FRAZÃO, o primeiro que, em 1693, descobriu ouro nos sertões de Cuiaté. Herdando seu roteiro, também saiu de Taubaté seu cunhado, BARTOLOMEU BUENO DE SIQUEIRA que, se não encontrou a jazida de Arzão, descobriu as minas de Itaverava. A notícia dessas duas expedições desencadeou o *rush* do ouro, que tomou vulto suficiente para determinar o estabelecimento, em Taubaté, da “Casa de Fundição” (1695), que foi construída no antigo largo do Convento, hoje praça Monsenhor Silva Barros. Tinha por finalidade cobrar o “quinto real” que, no período 1696-97, deu aos cofres reais 14 080 oitavas de ouro, ou mais de 13 arrôbas. Aí era o ouro fundido em barras, que ostentavam, gravados, o pêso e o quilate correspondente e

⁴ Segundo AFFONSO DE S. TAUNAY (*O caminho terrestre entre São Paulo e Rio de Janeiro*, p. 193) “esses índios tinham-se aí refugiado depois da extinção de Santo André da Borda do Campo e o nome da aldeia, Tabaeté (a taba verdadeira), já indicaria sua hostilidade em relação aos paulistas.

que, uma vez descontado o “quinto real”, era devolvido ao seu proprietário⁵.

Núcleo de irradiação de bandeiras, povoamento à beira das vias de circulação que demandavam Minas Gerais e os portos do litoral norte da Província, centro de uma área rural que, como em todo o vale médio do Paraíba, ampliava sua produção para prover o abastecimento das áreas de mineração e das tropas que por aí passavam, Taubaté não logrou, no entanto, uma expansão sensível de seu espaço urbano nesse período. Como São Paulo, sofreu de sangria demográfica, consequência do próprio bandeirismo que lhe dera projeção. Apesar disso, com vida econômica mais próspera, com posição já esboçada de capital da região, a cidade recebeu alguns melhoramentos, tais como a substituição dos telhados de palha por telhas de barro.

Mas era ainda modesta, continuando aconchegada a sua matriz, limitada por seus ribeirões, com ruas cobertas de mato, onde animais pastavam e perambulavam livremente.

SOB O IMPÉRIO DO CAFÉ

Nos primeiros anos do século XIX as condições de vida de Taubaté não diferiam muito das do setecentismo. Talvez até fôssem um pouco piores, devido ao esgotamento das jazidas auríferas e à perda da função de abastecedora da região de mineração, que já se tornara auto-suficiente. Dêsse período é a aquarela de DEBRET, que mostra a velha matriz colonial dominando o traçado geométrico das poucas ruas, com suas casas térreas e geminadas, cada quarteirão com um centro vazio, correspondendo aos grandes quintais de outrora.

AIRES DE CASAL, bem como SPIX e MARTIUS, deixaram depoimentos sobre Taubaté da segunda década do século XIX. Conforme o primeiro, embora admitindo ser ela “uma das vilas mais consideráveis e a mais bem situada da Província”, declara que “quase tôdas as casas são de taipa, e poucas de sobrado”, o que denuncia sua posição de centro de vizinhança, intrinsecamente de uma área rural em que os habitantes “cultivam víveres e tabaco, criam porcos e galinhas em grande quantidade, fazem pequenas culturas de cana-de-açúcar”. O único artesanato que registra é o de “lindas esteiras e açafates, que se transportam para várias partes”⁶. É a mesma singeleza dos períodos anteriores, que também transparece na descrição deixada pelos dois sábios alemães: “Taubaté, que consta de uma rua principal com casebres de ambos os lados e algumas ruas laterais, é uma das mais importantes vilas de toda a Província... As casas são raramente de mais de um pavimento, as paredes são quase que geralmente de vigas fracas ou de vigas amarradas com cipós, barreadas e caiadas com tabatinga, que se encontra aqui e acolá, à margem do rio; o telhado consiste em telhas

⁵ BASÍLIO DE MAGALHÃES, *Documentos relativos aos bandeirismo paulista*, p. 472-473.

⁶ AIRES DE CASAL — *Corografia Brasileira*, p. 240.

ôcas ou ripas, raras vêzes de palha descuidadamente colocada, e nas paredes abrem-se uma ou duas janelas de rótula". No entanto, apesar da modéstia do aspecto, a cidade mereceu de SPIX e MARTIUS uma apreciação final favorável: "os habitantes de Taubaté mostram mais conforto e educação do que os das pequenas vilas por onde havíamos passado antes...". E a razão desse privilégio foi por eles percebida, uma vez que declaram ser isso "devido, certamente, às relações intensas com o Rio de Janeiro e São Paulo..."⁷.

Também SAINT-HILAIRE deixou documentada sua impressão sobre Taubaté, já agora na terceira década do século XIX (1822), começando por dizer ser "a mais importante de quantas atravessei desde que entrei na capitania de São Paulo". Pouco ou quase nada tinha a vila crescido, em relação ao seu traçado anterior: "tem a forma de um paralelogramo alongado; consta de cinco ruas longitudinais, tôdas pouco largas mas muito limpas, cortadas por várias outras". Também sua fisionomia mantinha-se inalterável: "as casas, próximas umas das outras são pequenas, baixas, cobertas de telhas e só têm o rés-do-chão; apresenta a maioria a fachada caiada e tem um quintalzinho plantado de bananeiras e cafeeiros". Pelo menos como planta de fundo de quintal, o café já fazia sua aparição... Apesar da impressão favorável, transparece que o ilustre viajante achou Taubaté com pouca vitalidade e ainda mal desenvolvida: "como tôdas as cidades do interior do Brasil, a maioria das casas fica fechada durante a semana, só sendo habitadas aos domingos e dias de festa". No entanto, registra a presença de "operários de diferentes profissões, várias estalagens e muitas vendas", talvez devido à função comercial já então desenvolvida pela cidade. É verdade que o próprio SAINT-HILAIRE diz que "algumas das vendas são tão mal sortidas que é impossível que o proprietário possa pagar impostos e viver do lucro do que vende"; a explicação estaria no fato de que, segundo o mesmo autor, "corre pela região que êstes homens se mantêm pelo ganho auferido dos furtos comprados a escravos"⁸.

Pelos dados de DANIEL PEDRO MÜLLER⁹, verifica-se que, em 1836, o café não era mais mera cultura de fundo de quintal, apresentando, na área de Taubaté (que abrangia Caçapava, Jambeiro, Monteiro Lobato, Tremembé, Redenção da Serra), uma produção de 23 607 arrôbas. É verdade que esta safra é modesta em relação à de outras áreas da região, pois que se registram 102 797 arrôbas em Areias, 64 822 em Bananal, 62 628 em Pindamonhangaba, 54 004 em Jacareí, 33 649 em Lorena; Taubaté era, pois, apenas o sexto produtor da região, emparelhando com Paraibuna (23 322 arrôbas) e Guaratinguetá (22 442 arrôbas) e só sobrepujando as áreas de São Luís do Paraitinga (16 200 arrôbas), São José dos Campos (9 015 arrôbas), Santa Isabel (2 499 arrôbas) e Cunha (50 arrôbas). O fato é que, na época, Taubaté tinha ainda a cana-de-açúcar ocupando posição de destaque em sua produção

⁷ J. B. SPIX e C. F. P. VON MARTIUS — *Viagem pelo Brasil*, 1.º vol., pp. 192-194.

⁸ AUGUSTE SAINT-HILAIRE — *Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo*, pp. 147-148.

⁹ DANIEL PEDRO MÜLLER — *Ensaio de um quadro estatístico da Província de São Paulo*.

TAUBATÉ EM INÍCIO DO SÉCULO XIX (segundo aquarela de Debret)

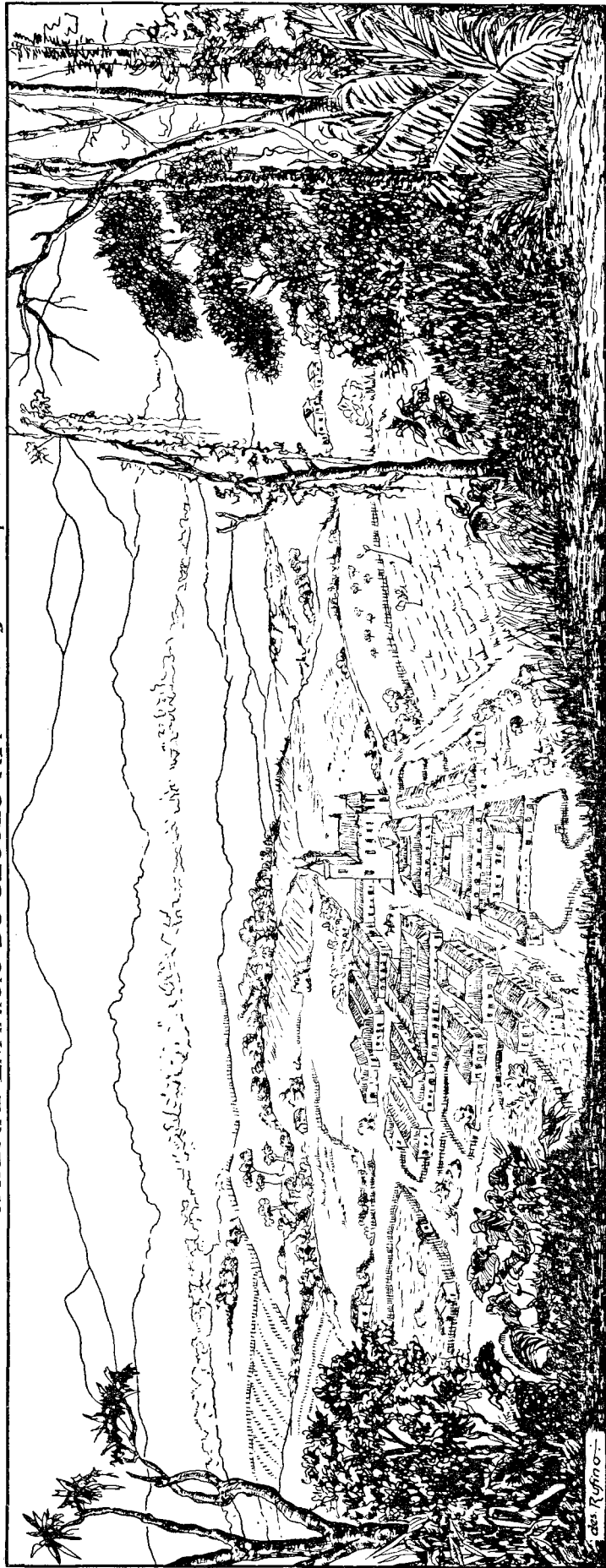


Fig. 13

agrícola, oferecendo, obviamente, resistência à expansão cafeeira: era, com Lorena, o segundo produtor de açúcar da região (1 000 arrôbas), vindo depois de Guaratinguetá (1 114 arrôbas), e o segundo produtor de aguardente (2 389 canadas), também depois de Guaratinguetá (2 792 canadas). Além disso, sua lavoura era muito diferenciada, mantendo a tradição da policultura, com produção de arroz (1 390 alqueires), farinha de mandioca (465 alqueires), feijão (910 alqueires), milho (6 637 alqueires) e fumo (136 arrôbas). Na realidade, era ainda uma agricultura de subsistência, onde apenas se começava, especialmente com a cana-de-açúcar, a prática de culturas comerciais. Por isso mesmo, não se destaca a região pelo valor de sua produção, de 38:007\$020, ultrapassada pela de Jacareí (301:185\$600), Bananal (259:426\$000), Pindamonhangaba (220:090\$440), Lorena (196:638\$240), Guaratinguetá (100:071\$400), Areias (85:772\$836), Paraibuna (60:610\$000), São Luís do Paraitinga (52:970\$480), só ultrapassando Cunha (35:557\$000), São José dos Campos (30:069\$600) e Santa Isabel (21:291\$830). Observa-se que as áreas com valor de produção maior que o de Taubaté eram, exatamente, as que contavam com maiores safras de café; o inverso é verdadeiro, ficando abaixo da produção de Taubaté as áreas que eram menores produtoras de café. Daí se deduz que a rubiácea já fazia a riqueza e a prosperidade da região, ficando Taubaté em certa inferioridade por ter sido uma das últimas áreas a receber e intensificar a lavoura cafeeira.

A cidade, no entanto, como célula-mãe da urbanização do vale do Paraíba, já assegura posição de destaque entre os núcleos urbanos regionais, merecendo a classificação de “vila considerável” por parte de DANIEL PEDRO MÜLLER, enquanto servia de centro à mais populosa jurisdição da Província (11 833 habitantes) depois da correspondente à capital (21 933 habitantes) e à de Curitiba (16 157 habitantes), então distrito paulista. Embora não se tenham dados para aquilatar a expansão urbana ou os melhoramentos urbanos recebidos, não deixa de ser significativo o quadro de profissões apresentado por DANIEL PEDRO MÜLLER para o ano de 1836: boticários — 2; músicos — 2; pintor — 1; carpinteiros — 14; ferreiros — 4; seleiros — 3; ourives — 2; entalhadores — 2; oleiros — 6; tecelões — 4; alfaiates — 7; sapateiros — 4; pescadores — 15. Pode-se deduzir que, com 6 oleiros e 14 carpinteiros, a cidade deveria apresentar algum crescimento; no entanto, dentro desse raciocínio, seria ele menor que o de Bananal (25 carpinteiros, 20 pedreiros), Areias (57 carpinteiros), Lorena (35 carpinteiros) ou Pindamonhangaba (31 carpinteiros). Por outro lado, a presença de músicos, ourives, entalhadores, pode ser interpretada como indicativa de um nível de vida já relativamente elevado, dando margem a certo luxo e gosto artístico; até certo ponto, embora na época fôsse mais refinado importar do Reino, também seria significativa a presença de tecelões, alfaiates e sapateiros, embora estes últimos talvez fôssem apenas remendões. No entanto, comparando-se Taubaté com outras

idades do vale, verifica-se que sua posição não era, nesse sentido, de destaque:

	<i>Músicos</i>	<i>Alfaiates</i>	<i>Sapateiros</i>	<i>Ourives</i>
Bananal	16	16	15	—
Areias	22	24	21	4
Lorena	12	20	15	2
Guaratinguetá	2	20	10	1
Pindamonhangaba .	20	13	13	2
Taubaté	2	7	4	2

Assim, embora com destaque relativo, que em parte lhe era garantido pela evolução histórica dos núcleos urbanos da região, Taubaté, em 1836, estava, até certo ponto, em posição de inferioridade em relação a outras cidades. Apesar disso, pela lei de 5-8-1842, promulgada pelo barão de MONTE ALEGRE, logrou alcançar a categoria de *cidade*, sendo a primeira da região a merecer essa distinção.

TAUBATÉ NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX

Na segunda metade do século XIX o quadro urbano de Taubaté é descrito com termos bem diversos dos empregados pelos cronistas do período anterior ou do que se deduz dos dados de DANIEL PEDRO MÜLLER. Segundo ZALUAR, é ela “uma cidade grande, populosa, ativa” que, embora com “ruas muito compridas, adornadas de um e outro lado por casas de aspecto sombrio e regularidade monótona”, já ostentava algumas construções modernas e residências luxuosas que atestavam o “desenvolvimento local e o espírito laborioso de seus habitantes”. O mesmo autor nos leva a crer que sua população gozava de melhor situação econômica: “Aqui residem proprietários e ricos fazendeiros que dispõem de avultada fortuna, a quem não falta o gosto e mesmo a instrução”. Inegavelmente, a cidade deve ter crescido e ter-se embelezado, impressionando a todos que a visitavam e recuperando a posição de liderança que parecia meio ameaçada no período anterior. De ZALUAR mereceu a seguinte apreciação final: “É a cidade de maiores proporções e de mais movimento que até agora temos visitado na Província de São Paulo. Comércio animado, alguns ramos de indústria cultivados com decidida vantagem local, excelentes ourives de prata e aos domingos um mercado abundante fornecido por todos os gêneros indispensáveis aos usos da vida, e concorrido por numerosos compradores e concorrentes, são mais que suficientes dados para se fazer idéia que nesta povoação há vida, elementos de progresso e aspirações louváveis”¹⁰.

Taubaté, então, já lograra classificar-se entre os maiores produtores de café do vale do Paraíba. Em 1854¹¹ já produzira 354 730 arrôbas, safra só ultrapassada pela das zonas de Bananal (554 600) e Areias (386 094). Em grande parte, foi êsse o fator de progresso da cidade que cresceu e diversificou suas funções. Em 1871 as profissões liberais eram

¹⁰ AUGUSTO EMÍLIO ZALUAR — *Peregrinação pela Província de São Paulo*, p. 107.

¹¹ ANTÔNIO ROBERTO DE ALMEIDA — “*Relatório da Província de São Paulo*”.

representadas por 13 advogados, 3 professôres de música, 2 médicos, 4 dentistas; na categoria de ofícios e artesanato, foram registrados 2 relojoeiros, 6 ourives, 6 marceneiros, 5 ferreiros, 1 serralheiro, 11 alfaia-tes, 5 seleiros, 2 trançadores, 6 sapateiros, 1 costureira modista e 5 doceiras... Havia, ainda, 11 estabelecimentos fabris: 3 de cal, 1 de chapéus, 1 de licor, 1 de charutos, 1 de troles e carroças, 4 olarias, 1 de tabaco e 2 de louças de barro, sem se falar nos 3 construtores de máquinas de café, nos 5 fogueteiros, nas várias oficinas de funilaria. Também o comércio se desenvolvera, contando a cidade com 30 lojas de fazendas, 3 lojas de ferragens, 3 negociantes de café, 59 armazéns e tavernas, 4 boticas e vários armarinhos, o que denuncia o movimento da vida urbana e justifica a presença de 2 hotéis, um para o lado do Convento Velho, na saída para o N., outro no antigo largo da Fôrça, na saída para o S.¹².

Prosseguindo na intensificação da lavoura cafeeira, a zona de Taubaté, em 1886, emparelhava com a de Areias, com a mesma produção de 480 000 arrôbas¹³, para, em 1900, com 600 588 arrôbas, alcançar o primeiro lugar na região¹⁴, posição que irá manter até o fim do período cafeeiro da vale do Paraíba. O enriquecimento progressivo pode ser acompanhado pelo crescimento do orçamento municipal: enquanto em 1844 a receita era apenas de 1:503\$450, passa, a partir de meados do século a acusar uma curva ascendente:

1864	7:676\$030
1874	16:105\$908
1881	37:301\$000

No último orçamento do Império, a renda municipal de Taubaté acusou a quantia, bastante elevada para a época, de 60:473\$886.

No último quartel do século, a cidade foi tomada de grande surto de crescimento e progresso. O espaço urbano passa por fase de expansão, especialmente em direção ao N., na direção dos trilhos da Estrada de Ferro Central do Brasil, e ao SO, acompanhando as vias de saída para a capital e para o litoral, ao mesmo tempo que iam sendo preenchidos os espaços ainda vazios dentro do antigo conjunto urbano. É nessa época que se instalam os serviços de abastecimento de água (1881), de telefone (1893), de bondes urbanos a tração animal (1884), bem como a ligação por bondes a vapor com Tremembé (1880). Começa a circular o primeiro jornal local, o *Progresso* (1861), depois substituído por três semanários (*Jornal de Taubaté*, o *Recreio* e o *17 de Agosto*, todos de 1883), enquanto o teatro São João exibia companhias líricas. Dêsse período são seus sobrados de sólida taipa, enxaiméis de caviúna e assoalhos de pinho de riga, que ainda hoje permanecem como relíquias venerandas de uma fase de esplendor. Então, por sua importância, Taubaté chegou a ser cogitada para o papel de capital da Província do Rio Sapucaí, de cuja criação se falava nos meios oficiais.

¹² GENTIL CAMARGO — "Originais para um Almanaque de Taubaté", 1871.

¹³ Relatório da Comissão Central de Estatística da Província de São Paulo, 1888.

¹⁴ Recenseamento do Brasil, 1900.

TAUBATÉ, CIDADE INDUSTRIAL

Se os primeiros anos do século XX ainda conheceram alguns municípios do vale do Paraíba como grandes produtores de café, já então trabalhavam os germes da decadência: era a baixa produtividade, consequência do cansaço dos solos, não permitindo enfrentar as despesas com a mão-de-obra livre, imposta pela abolição da escravidão, e a concorrência das novas zonas produtoras.

Em 1900¹⁵ Taubaté registra uma produção de 600 588 arrôbas de café, descendo, em 1920¹⁶ para 286 200 arrôbas. No entanto, foi uma das áreas que mais resistiram à decadência da cafeicultura acusando, ainda em 1940¹⁷, uma produção de 207 408 arrôbas, com pequena diferença em relação à de vinte anos atrás. Mas, como em toda a região, estava selada a sorte da cafeicultura de Taubaté: em 1950¹⁸ a safra apenas atingia 43 462 arrôbas para toda a área; o município, propriamente, produziu só 9 266 arrôbas, ultrapassado por Caçapava, que atingia 24 200 arrôbas.

Paralelamente à decadência do café, toda a zona do vale do Paraíba acusa despovoamento, fato que, no entanto, foi pouco sensível na área de Taubaté. Ao contrário, registra crescimento demográfico até 1920; embora com retrocesso entre 1920/34, retoma o crescimento a partir de 1940, mas atenuado em seu ritmo:

	<i>População</i>	<i>Diferença (%)</i>
1900	71 492	—
1920	93 011	+ 30,1
1934	73 444	— 21,1
1940	73 994	+ 0,7
1950	94 989	+ 28,0

O fenômeno registrado para o conjunto da área de Taubaté é também válido para o município, tomado isoladamente:

	<i>População</i>	<i>Diferença (%)</i>
1900	36 723	—
1920	45 445	+ 23,8
1934	36 564	— 19,7
1940	40 970	+ 12,0
1950	52 997	+ 29,3
1960	78 744	+ 47,6

Além de Taubaté, como área e como município, ter sido pouco atingida pelo despovoamento, acresce, ainda, que a cidade, pelo menos a partir de 1934, quando já se conta com dados diferenciados sobre população urbana e rural, não acusa decréscimo, ao contrário do que ocorre com a parte rural:

¹⁵ Dados referentes à área de Taubaté, para fins comparativos.

¹⁶ Recenseamento de 1920.

¹⁷ Idem, 1940.

¹⁸ Idem, 1950.

Anos	População rural		População urbana	
	Total	Diferença (%)	Total	Diferença (%)
1934	14 724	—	21 840	—
1940	12 661	— 14,0	28 309	+ 29,6
1950	17 037	+ 34,5	35 960	+ 28,7
1960	12 833	— 24,0	65 911	+ 83,3

Vê-se, claramente, que à cidade foi poupado o fenômeno de despovoamento, sendo mesmo possível que tenha absorvido elementos da área rural nos períodos correspondentes a 1934/1940 e 1950/1960, uma vez que a população total do município não acusa decréscimo nesses períodos. A que se deveria êsse contínuo crescimento da população urbana, face à decadência e posterior desaparecimento da lavoura do café, que fôra o arrimo econômico e a mola propulsora da prosperidade da região? É preciso lembrar que se o café abandonou a área, à procura de terras novas, nela deixou um saldo positivo, representado pelo acú-

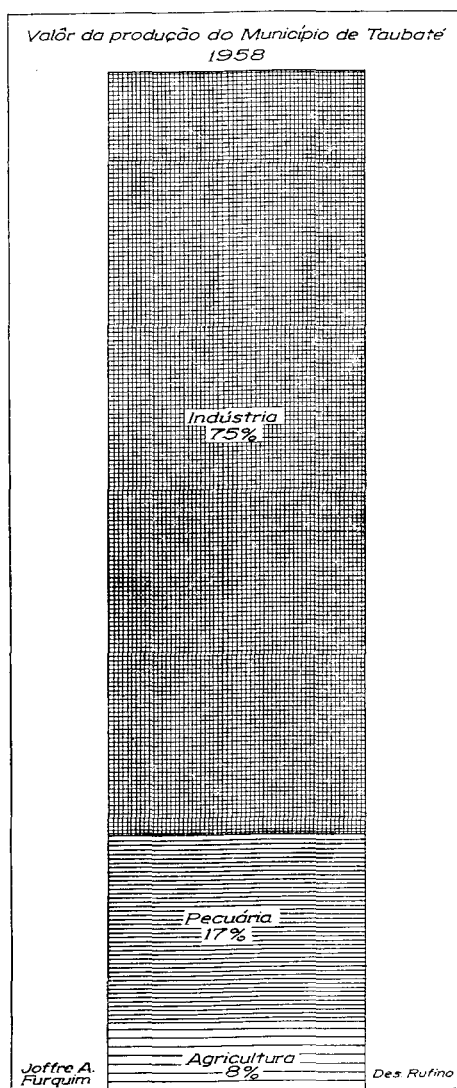


Fig. 14

mulado de capitais e pela presença de vias de comunicação, a Estrada de Ferro Central do Brasil (início da década de 1890) e a rodovia Rio de Janeiro a São Paulo (1927), que, abertas para servirem à exportação do café, viriam propiciar novos rumos à economia regional. Se êsses fatos podem ter sido válidos para todo o vále médio superior do Paraíba, acresce, para Taubaté, que usufruía de posição privilegiada no conjunto, sua posição de liderança já substanciada pela instalação de um batalhão da Fôrça Pública do Estado (1912) e uma Penitenciária (1914).

O sustentáculo da vida econômica de Taubaté e de sua vida urbana passou a ser, no século XX, a atividade industrial. Já na última década do século anterior aí se instalara a Companhia Taubaté Industrial, depois seguida pelas Indústrias Reunidas Vera Cruz (1923), a Companhia Fabril de Juta (1929) e Companhia Predial de Taubaté (1932). Êsse surto industrial foi, evidentemente, favorecido pela presença de capitais locais, criados pelo café, de mão-de-obra, acumulada pelo êxodo rural que se seguiu à decadência do

café, pelas facilidades de comunicação com o Rio de Janeiro e São Paulo, pelas vias construídas para o café e, sem dúvida, pela vantajosa posição geográfica da cidade no conjunto da região. A eclosão das duas guerras mundiais tiveram também sua influência, particularmente a segunda, desencadeando a instalação de novas indústrias, tais como a Fábrica de Doces Embaré, a Corozita S.A., a Sociedade Extrativa Dolo-mia, a Fábrica de Doces Francano, além de estabelecimentos ligados à abundante produção de leite da região¹⁹ e à presença de argilas da várzea do rio, acrescentando então os laticínios e fábricas de louça.

Em 1954, Taubaté era o principal centro industrial do vale do Paraíba paulista, contando com 55 estabelecimentos industriais e 101 255 operários²⁰, liderando todo o conjunto da região por larga diferença. A partir de 1950, com a inauguração da Via Dutra, o processo de industrialização sofre novo impulso, instalando-se sua primeira indústria de base, não mais de bens de consumo mas de bens de produção, a Mecânica Pesada S.A. (1956). Em 1958 a produção industrial passa a representar 75% do valor da produção do município, atingindo Cr\$ 1 687 781 000,00 e ultrapassando de longe a proveniente da pecuária (Cr\$ 415 767 000,00 ou 17% do total) e a da agricultura (Cr\$ 146 541 000,00 ou 8% do total). Naturalmente, êsse *boom* industrial, réplica do desencadeado pela cafeicultura, acarretou novo crescimento da cidade, ainda mais sensível que no século anterior, pois que as indústrias atraíram mão-de-obra para a cidade, ao passo que o café o fizera para a área rural. As cartas recentes acusam numerosos loteamentos na periferia, surgindo a partir de 1920, mas especialmente depois de 1950, que, embora parcialmente ocupados por construções, representam considerável expansão do espaço urbanizado. Inúmeros novos bairros vêm se desenvolvendo, a maioria de tipo proletário, como a Vila Aparecida (1925), a Vila São José (1930), Nossa Senhora das Graças (1940), Vila São Geraldo (1940), o conjunto do IAPI (1950), Bosque da Saúde (1950), Jardim Ana Rosa (1956), alguns de tipo médio ou de luxo, como Vila Mansur, Jardim Russi e o Bairro Chique.

Naturalmente, ao crescimento do espaço urbano corresponde uma reativação da vida da cidade: mais escolas primárias e secundárias se instalam, inauguram-se cursos superiores, aparecem associações esportivas, enquanto o centro da cidade, com seus cinemas, novas lojas e bancos, seus primeiros edifícios e a concentração das linhas de ônibus urbanos, apresenta novo aspecto, moderno e dinamizado. Quase se poderia falar num renascimento de Taubaté.

No entanto, é possível que, no futuro, se manifeste certo amortecimento no crescimento demográfico. Essa possibilidade transparece, em parte, da pirâmide de idades feita para o ano de 1940 que, embora

¹⁹ O Município de Taubaté, segundo os dados do recenseamento de 1950, se classifica em 5.º lugar no vale do Paraíba quanto ao volume do rebanho bovino. Contava, então, com 17 243 cabeças, vindo depois de Guaratinguetá (38 981), São José dos Campos (31 678), Parai-buna (28 360) e Cunha (27 183).

²⁰ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, *Produção Industrial*, 1954.

em suas linhas gerais indique tratar-se de uma população jovem, acusa preocupante retração em sua base que, normalmente, deveria ser mais ampla. Acresce ainda que, pelos dados de 1950, há surpreendente número de inativos em sua população que, com 3 805 pessoas, corresponde a 7% do total e a um número superior ao dos comerciantes e pouco inferior ao dos trabalhadores rurais do município. Apesar do crescimento ainda acusado em 1960 para a população urbana, há, portanto, indícios de que ela poderá atingir a maturidade, a um estado de equilíbrio em futuro próximo.

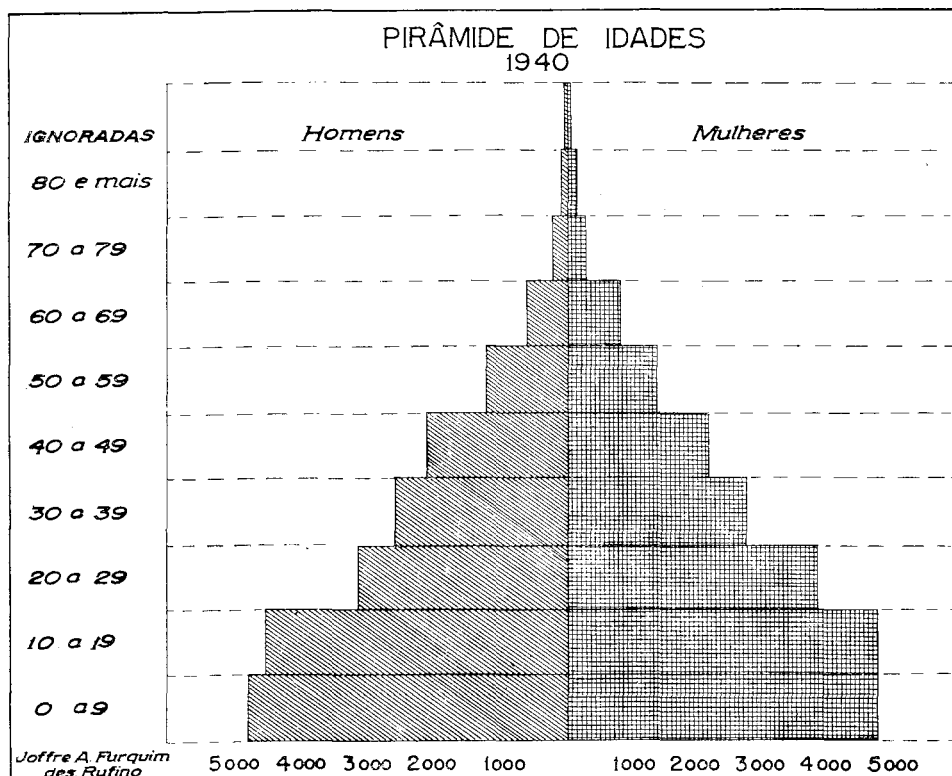


Fig. 16

AS ÁREAS INDUSTRIAIS

Dentro da área em que se processou o levantamento funcional de Taubaté²¹, e que corresponde ao perímetro central da cidade, os estabelecimentos fabris, como era de se esperar, constituem exceção: apenas 5 foram constatados, localizando-se na periferia do retângulo principal ocupado pelo comércio, sendo 3 nas vizinhanças da estação e 2 para os lados do mercado.

Ao contrário, as oficinas e *ateliers* são bastante numerosos, convido esclarecer que sob tal denominação compreendemos as oficinas

²¹ Por restrições do tempo disponível, insuficiente para um levantamento funcional completo da cidade, a pesquisa se limitou a cerca de 70 quarteirões, abrangendo a área central de Taubaté e sua periferia imediata. Foram considerados os seguintes aspectos da atividade urbana: indústrias, comércio e crédito, profissões liberais e associações de classe, serviços públicos e culturais, transportes e residências.

nadeiro Guimarães e ruas próximas ao largo da Estação) e 3 — à área do mercado.

A FUNÇÃO COMERCIAL

Como era de se esperar, em se tratando do perímetro central da cidade, constatou-se que é a função comercial a que aí predomina.

Perímetro Central: Comércio e Crédito



José Cintra de Andrade
 Diva B. Medeiros
 Ney Magina
 Des. J. Rufino

Fig. 18

O comércio varejista representa o maior papel, achando-se concentrado dentro de um grande retângulo, que se estende no sentido N-S, desde a rua Juca Estêves e a área do mercado até a rua 15 de Novembro, entre as ruas Jaques Félix, Mariano Moreira e as ruas São José-Anísio Monteiro. Fora desse retângulo, que abrange 20 quarteirões, existem algumas "pontas-de-lança" significativas: é o caso da rua Dr. Winther, Dr. Pedro Costa, Sacramento, da "trindade" constituída pelas ruas Anísio Monteiro-Conselheiro Moreira Barros-Chiquinha de Matos (no rumo da estação) e, finalmente, da rua Dr. Silva Barros. No mais, existem algumas concentrações isoladas, como a que aparece à avenida Granadeiro Guimarães (próximo ao largo da Estação) e à rua Barão da Pedra Negra.

Dentro daquele retângulo principal é necessário, no entanto, distinguirem-se duas subáreas: 1 — a que se encontra entre o mercado e a rua Duque de Caxias, com predomínio de um varejo mais modesto e variado e 2 — a que se encontra entre a rua Duque de Caxias e a rua 15 de Novembro, tendo por eixo a rua Carneiro de Sousa, caracterizada por um comércio varejista mais fino e especializado. A praça Dom Epaminondas (a da Catedral) representa, de certa maneira, o divisor entre essas duas subáreas. Acentuando a diferenciação entre as duas, há na primeira maior concentração de comércio atacadista, evidentemente por influência da proximidade do mercado, enquanto na segunda concentram-se os escritórios comerciais.

Já os estabelecimentos de crédito (bancos, caixas econômicas), embora possam ser encontrados em todo o retângulo principal de concentração da função comercial, são mais numerosos nas vizinhanças da subárea de comércio fino. Para isso comprovar, basta verificar que apenas o quarteirão formado pelas ruas Duque de Caxias-Carneiro de Sousa-Visconde do Rio Branco-Chiquinha de Matos, contém 5 estabelecimentos de crédito, podendo ser considerado o "centro bancário" da cidade. Evidentemente, o comércio fino e sua freguesia são os que mais se utilizam dos estabelecimentos de crédito, uma vez que o parque fabril de Taubaté, como é a regra, está localizado em sua periferia, não influenciando, assim, na localização dos bancos.

SERVIÇOS URBANOS

No que diz respeito à distribuição espacial das *profissões liberais e associações de classe*, é possível distinguir-se um trapézio que, ao contrário do retângulo comercial, alonga-se no sentido O-E, desde a rua Barão de Serra Negra até as ruas Augusto Monteiro e Cônego Almeida, tendo por lados as ruas Marquês do Erval e 15 de Novembro. Fora dessa área, os exemplos encontrados são inteiramente esporádicos e dispersos.

Embora tanto disseminado dentro do trapézio profissional, os médicos parecem preferir as ruas Duque de Caxias e Jaques Félix, em

trechos vizinhos ao centro. Não longe dessa área, aparecem os laboratórios de análises, de que dependem aqueles profissionais.

Já os advogados aparecem concentrados em duas áreas distintas: 1 — próximo ao centro, sobretudo à rua Duque de Caxias e 2 — nas vizinhanças do *Forum*, particularmente na área que vai da rua Coronel Augusto Monteiro até a rua Chiquinha de Matos, limitada pelas ruas Visconde do Rio Branco e 15 de Novembro (NE da área trapezoidal).

Os dentistas concentram-se particularmente em duas subáreas extremas, cujo “divisor” é a praça Dom Epaminondas: 1 — ao longo das ruas Visconde do Rio Branco e Sacramento, no trecho compreendido entre as ruas Carneiro de Sousa e Anísio Monteiro e 2 — ao longo

Profissões Liberais e Associações de Classe

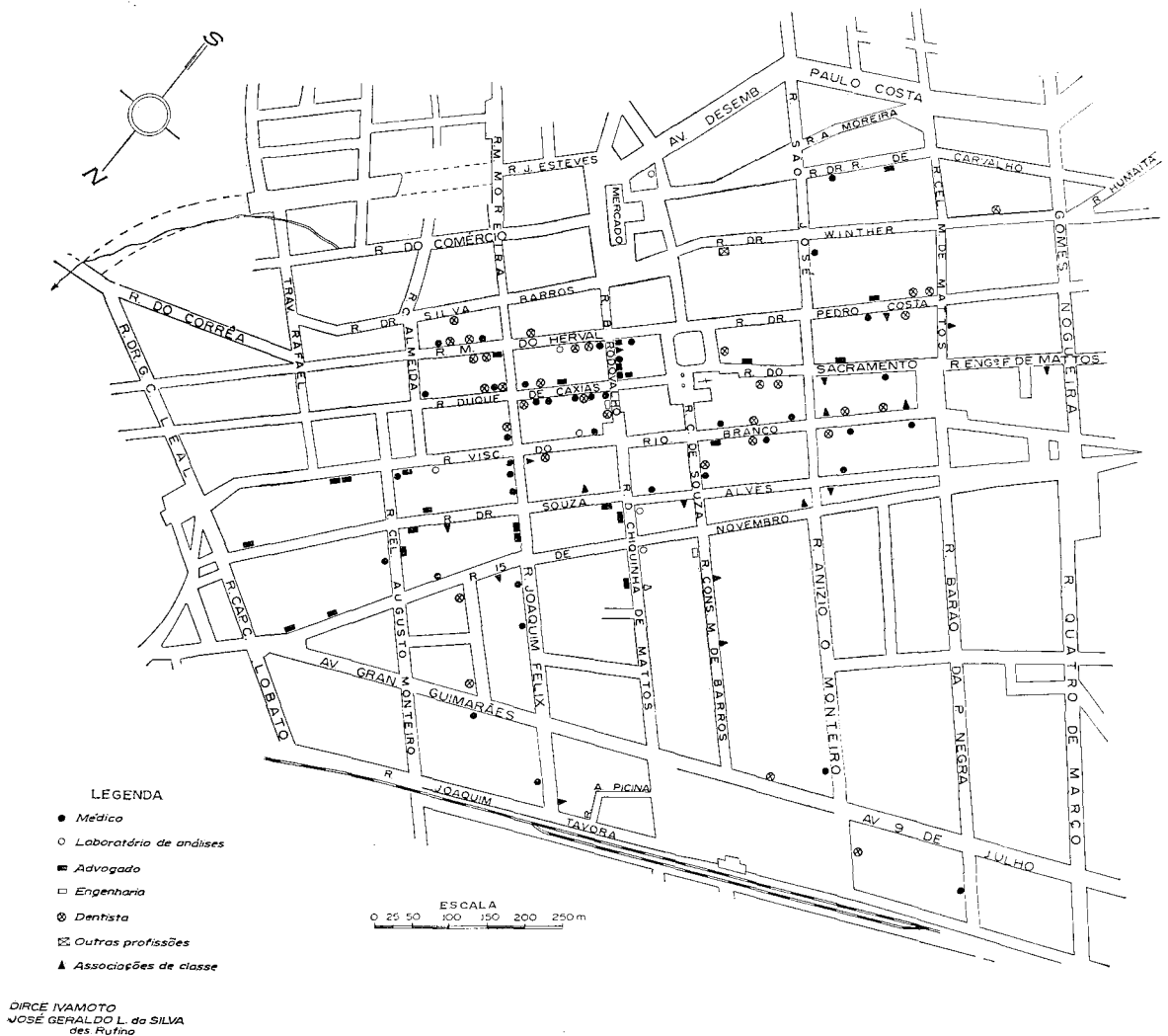


Fig. 19

Quanto aos *serviços públicos e culturais*, embora sem caráter absoluto, existe certa concentração das repartições públicas e autarquias entre as ruas Jaques Félix e Carneiro de Sousa, tendo por eixos as ruas Visconde do Rio Branco e Dr. Sousa Alves. Fora daí, uma concentração, também relativa, aparece entre a praça Dom Epaminondas e a praça Rio Branco.

Bastante dispersos encontram-se os estabelecimentos de ensino, quer oficiais, quer particulares. Ao contrário, é bem definida a área dos cinemas e de outros locais de diversão, que se situa dentro ou próximo dos quarteirões enquadrados pelas ruas Duque de Caxias, Dr. Sousa Alves, Chiquinha de Matos e Carneiro de Sousa. Constitui, embora modestamente, a “Cinelândia” de Taubaté. Dispersos já são outros tipos de serviços, como os religiosos (locais de culto, associações), culturais (rádios, jornais) e assistenciais.

Os serviços urbanos ligados ao transporte apresentam relativa concentração quanto: 1 — aos pontos de táxi, que se localizam em torno da praça Dom Epaminondas, o que se justifica, já pelo espaço aí disponível, já por ser ela o ponto mais central do “coração” da cidade; 2 — as agências de transporte, também não longe dessa área central e 3 — as oficinas mecânicas, lojas de acessórios, garages e postos de gasolina, visivelmente concentrados nas vizinhanças do largo da Estação, especialmente na subárea das ruas Jaques Félix-Chiquinha de Matos-avenida Granadeiro Guimarães, embora uma outra concentração também exista à rua Anísio Monteiro e proximidades, no trecho da cidade que corresponde à antiga saída para a rodovia São Paulo-Rio de Janeiro.

AS ÁREAS RESIDENCIAIS

Embora não de maneira absoluta, as residências coletivas (hotéis, pensões, apartamentos) concentram-se numa área restrita, que se estende desde a rua Dr. Pedro Costa até a rua 15 de Novembro, limitada pelas ruas Chiquinha de Matos e Anísio Monteiro — evidentemente ligadas à área central da cidade e, dentro dela, à zona do comércio fino e bancária. Ao contrário do que costuma acontecer, a estação ferroviária não fez nascer hotéis e pensões em sua proximidade.

Quanto às residências individuais ou familiares, o que se observa é o absoluto predomínio das de tipo médio, o que, por sua vez, deve corresponder ao domínio da classe média dentro do perímetro central da cidade. Entretanto, a essa aparente uniformidade, antepõe-se certa complexidade: não constatamos a presença de nenhum quarteirão que só contenha residências de tipo médio; sempre existem residências de outro tipo, ora finas, ora modestas, de mistura. Todavia, podem-se distinguir algumas áreas de predominância: 1 — a faixa mediana do perímetro central, no sentido O-E, desde a rua Dr. Gastão Câmara Leal até a praça Rio Branco e a rua Coronel Marcondes de Matos, entre as ruas Dr. Silva Barros e Dr. Pedro Costa até a avenida Granadeiro Gui-

marães e as ruas Anísio Monteiro e 15 de Novembro, é caracterizada pela predominância das residências de tipo médio; 2 — as residências modestas são majoritárias na faixa que tem o mercado por centro, limitada pelas ruas Dr. Silva Barros e Dr. Winther, ampliando-se no trecho compreendido entre as ruas Coronel Marcondes de Matos e Gomes Nogueira, no sentido SO, constituindo esta uma área densamente povoada; 3 — as residências de tipo fino acham-se bastante dispersas,

Transportes

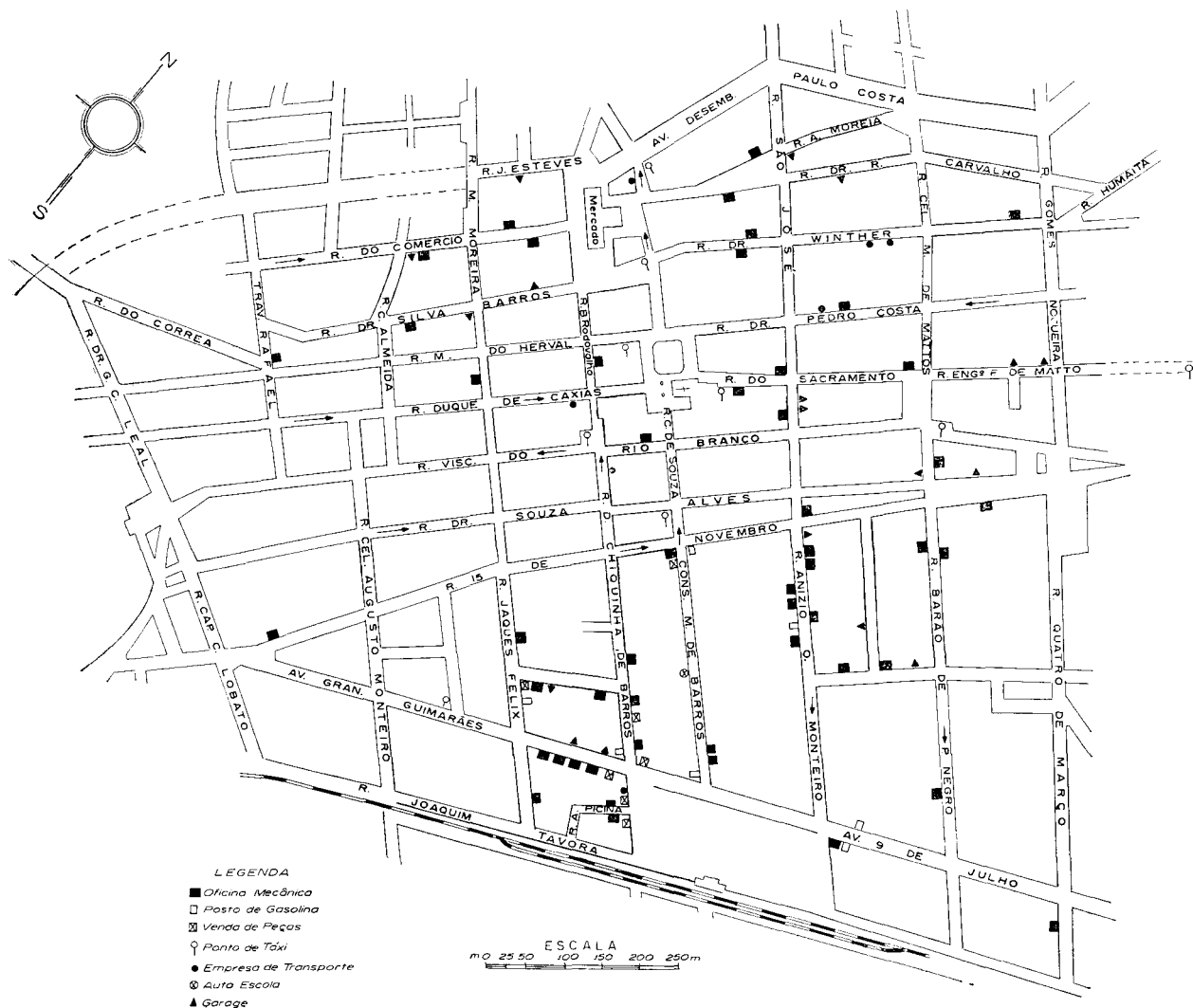


Fig. 21

quatro itens: 1 — comércio e crédito; 2 — indústria, especialmente oficinas e *ateliers*; 3 — profissões liberais; e 4 — habitações coletivas.

Da superposição das áreas de predomínio de tais funções pode-se obter elementos para distinguir quatro graus de complexidade funcional, que correspondem a áreas amebóides, grosseiramente concêntricas. A área de complexidade de 1.º grau, a mais complexa de tôdas, contém as quatro funções acima mencionadas. Naturalmente, é a menos ex-

Relíquias do passado

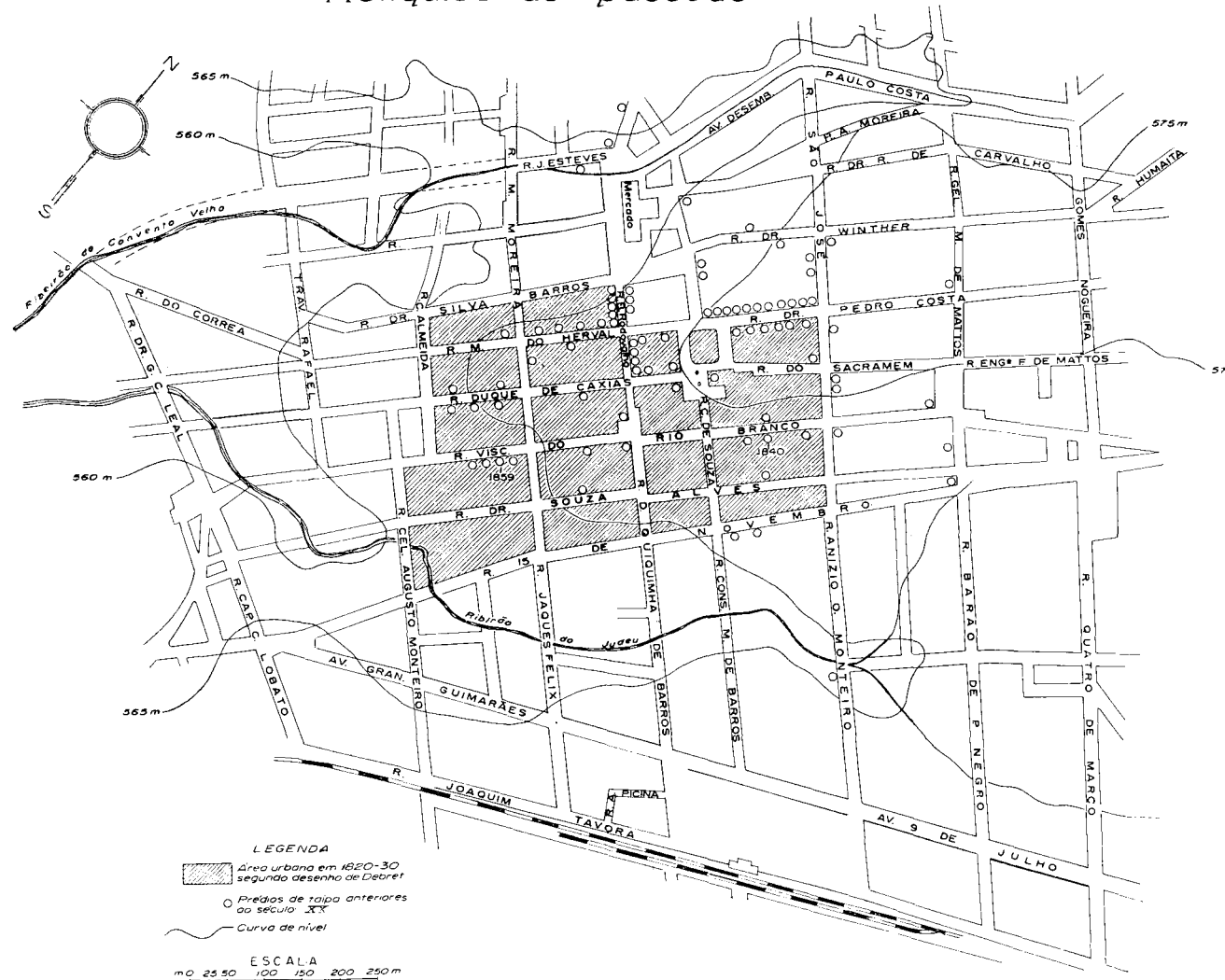


Fig. 24

Estas podem variar, embora sejam mais freqüentes: 1 — o comércio e o crédito; 2 — as oficinas e *ateliers* e 3 — as profissões liberais. Sòmente num pequeno trecho (início da rua Pedro Costa) as habitações coletivas substituem as profissões liberais. A extensão dessa área é pouco maior que a antecedente, ampliando-se mais para os lados das ruas Anísio Monteiro e Coronel Marcondes de Matos, no rumo O. Ultrapassa a rua 15 de Novembro, atinge a rua Jaques Félix e avança, em ponta de lança, pela rua Marquês do Erval, no rumo E. Poderá ser considerada como a “área periférica” do coração da cidade.

A área de complexidade de 3.^o grau já é bem mais extensa, ampliando-se largamente no trecho compreendido entre o mercado e a rua Gomes Nogueira, tendo por eixo a rua Dr. Winther, no sentido de SO. Fora daí, a ampliação é bem mais modesta: atinge a rua Cônego Almeida, a rua Dr. Souza Alves (próximo à rua Dr. Jaques Félix) e, finalmente, a avenida Granadeiro Guimarães, na área do largo da Estação, na direção N. Contém apenas duas funções, particularmente o comércio, as oficinas e *ateliers*. Em trechos restritos, o comércio cede lugar a uma outra função, a correspondente às profissões liberais.

Finalmente, a mais extensa e a que engloba ou circunda tôdas as demais, é a área de complexidade de 4.^o grau, caracterizada pelo predomínio de uma única função: a industrial, representada por oficinas e *ateliers*. Para o lado do mercado, pouco difere da área anterior, de 3.^o grau. A ampliação maior constata-se no setor N, entre as ruas Anísio Monteiro e Barão da Pedra Negra e, também, em direção da travessa Rafael, rua Coronel Augusto Monteiro e rua Joaquim Távora, estas últimas na área da estação ferroviária.

As duas últimas podem ser consideradas como áreas de transição entre o “coração” e sua área periférica e os bairros da cidade, representando os espaços em reserva para a provável expansão do centro propriamente dito, especialmente em direção ao N, conforme a tendência, que ambas indicam, de crescimento nesse sentido. No entanto, face à presença da Via Dutra, ao S, que poderá vir a estabelecer concorrência com a atração exercida pela estação, ao N, é possível que a orientação geral de crescimento das várias áreas que compõem o perímetro central de Taubaté venha a se modificar.

PAISAGENS E PROBLEMAS URBANOS

Núcleo urbano que, graças à indústria, dinamizou enormemente nas últimas décadas, Taubaté é uma cidade em mudança, ressentindo-se de inúmeros problemas, parcialmente conseqüente a sua “crise de crescimento”.

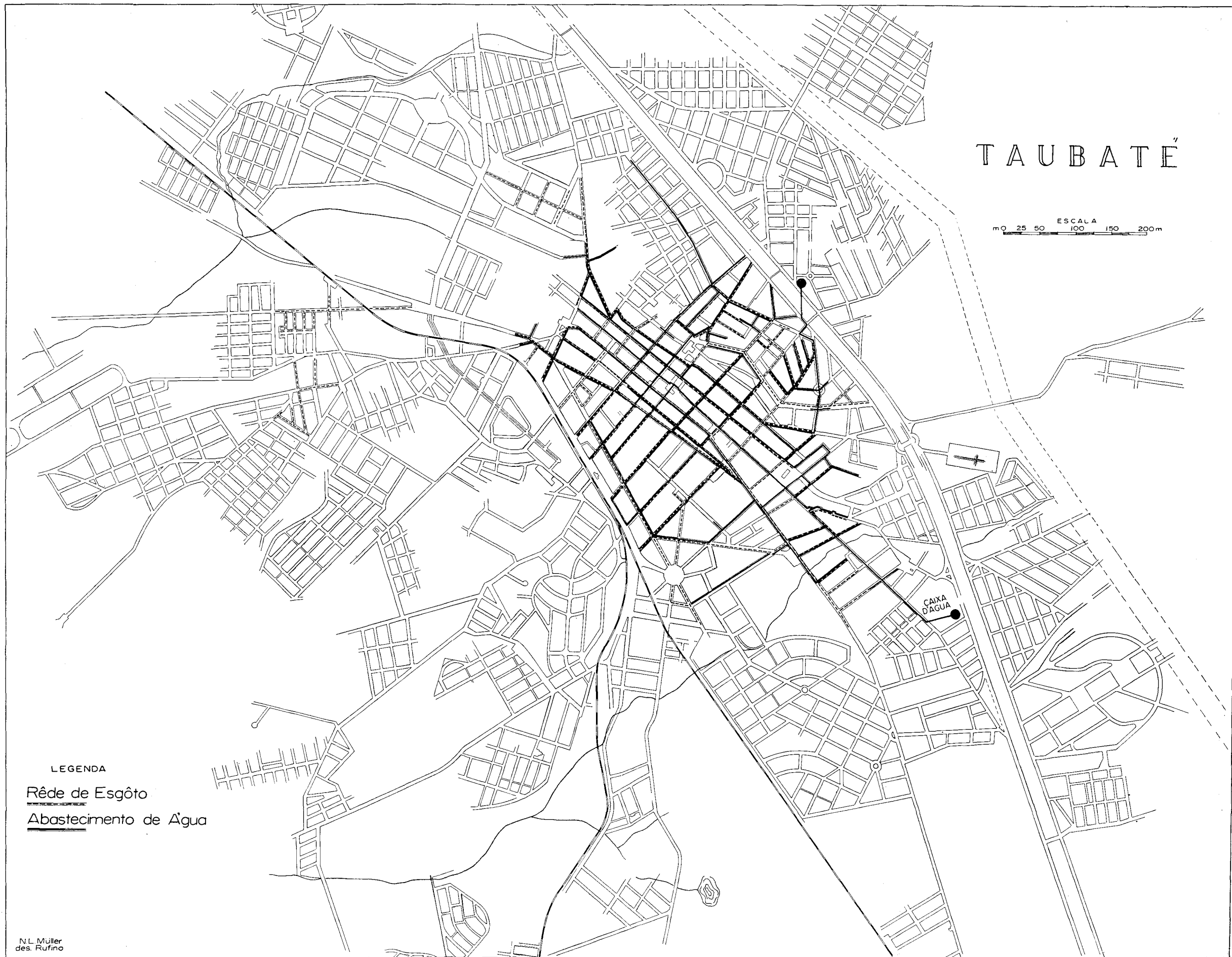
A cidade apresenta contrastes paisagísticos bastante marcados, ao traçado tradicional de sua área central justapondo-se traçados não-coordenados, se bem que por vêzes geométricos, de seus bairros periféricos. Possuidora de algumas relíquias do passado, na forma de velhos

casarões de taipa, anteriores ao século XX, ostenta também a silhueta esguia de vários altos edifícios que, no entanto, se contrapõem sem aparente quebra de harmonia.

Apesar do grande crescimento de sua área urbana, a maior concentração de sua população está, ainda, como que agarrada à tradição, mantendo-se na vizinhança imediata do “coração” da cidade. Lógicamente, por concentrar especialmente outras funções, aí mais importantes que a residencial, êste apresenta fracas densidades demográficas; no entanto, serve de eixo às maiores concentrações, que se localizam em duas áreas principais: 1 — a comandada pela praça Dom Epaminondas (praça da Matriz), entre as ruas Visconde do Rio Branco e Dr. Silva Barros, indo em direção NE até a rua Dr. Gastão Câmara Leal; e 2 — a que, a partir do mercado, toma a direção SO, ocupando a parte compreendida entre as ruas Dr. Winther e avenida Desembargador Paulo Costa. Para o O e L nota-se tendência a fechar-se o círculo, através de alguns quarteirões que formam áreas secundárias de alta densidade de população. Evidentemente, além de se tratar de áreas de ocupação relativamente antiga, onde as construções se seguem umas às outras, em ordem cerrada, não resta dúvida que a porção central, com a presença do comércio e do mercado, agiu como força aglutinante, levando os habitantes, especialmente os de classe média, a procurarem sua proximidade. A partir dessa área, as densidades tendem a diminuir progressivamente para a periferia, indicando que, para a orla do perímetro central, aparecem bairros com espaços vazios (jardins) ou ainda não intensivamente ocupados.

A “crise de crescimento” é também responsável por vários problemas, como no que diz respeito aos serviços públicos: a rede de água e esgoto, embora já bastante densa, não atinge, ainda, boa parte da área periférica; os transportes urbanos, formados por quatro linhas de ônibus, não servem vários dos bairros mais afastados. Êsse fato justifica a grande proporção de veículos particulares (97%) dentre os veículos licenciados em Taubaté e também que, entre êles, 95,5% correspondam a bicicletas, o meio de transporte aí popular por excelência, no que é favorecido pela suave topografia do assoalho urbano.

Mesmo com a crescente concorrência de São José dos Campos no que diz respeito à extensão urbana e volume de população, Taubaté é ainda a principal cidade do vale do Paraíba em território paulista. O fato poderia ter sido comprovado, caso tivéssemos contado com mais tempo para a pesquisa, pelo estudo das várias formas de influência da cidade na região. No entanto, limitados a dados referentes às ligações rodoviárias de Taubaté e à rede de distribuição de seus jornais e de demarcação da área de audição de sua emissora de rádio, já se tem uma idéia de sua posição na região “norte” do estado de São Paulo. Toman-do-se o número de viagens diárias de ônibus fazendo ligação entre Taubaté e os demais núcleos urbanos regionais, verifica-se que o maior número de viagens se realiza seguindo o eixo do vale, entre as cidades



TAUBATÉ

ESCALA
m 0 25 50 100 150 200m

LEGENDA

Rêde de Esgôto

Abastecimento de Água

N.L. Müller
des. Rufino

Fig. 26

TAUBATÉ

CIRCULAÇÃO URBANA

ESCALA
m 0 25 50 100 150 200m

LEGENDA

- Vila São Geraldo
- Bom Conselho
- Vila Aparecida
- Vila São José

LIGAÇÕES RODOVIÁRIAS DE TAUBATÉ

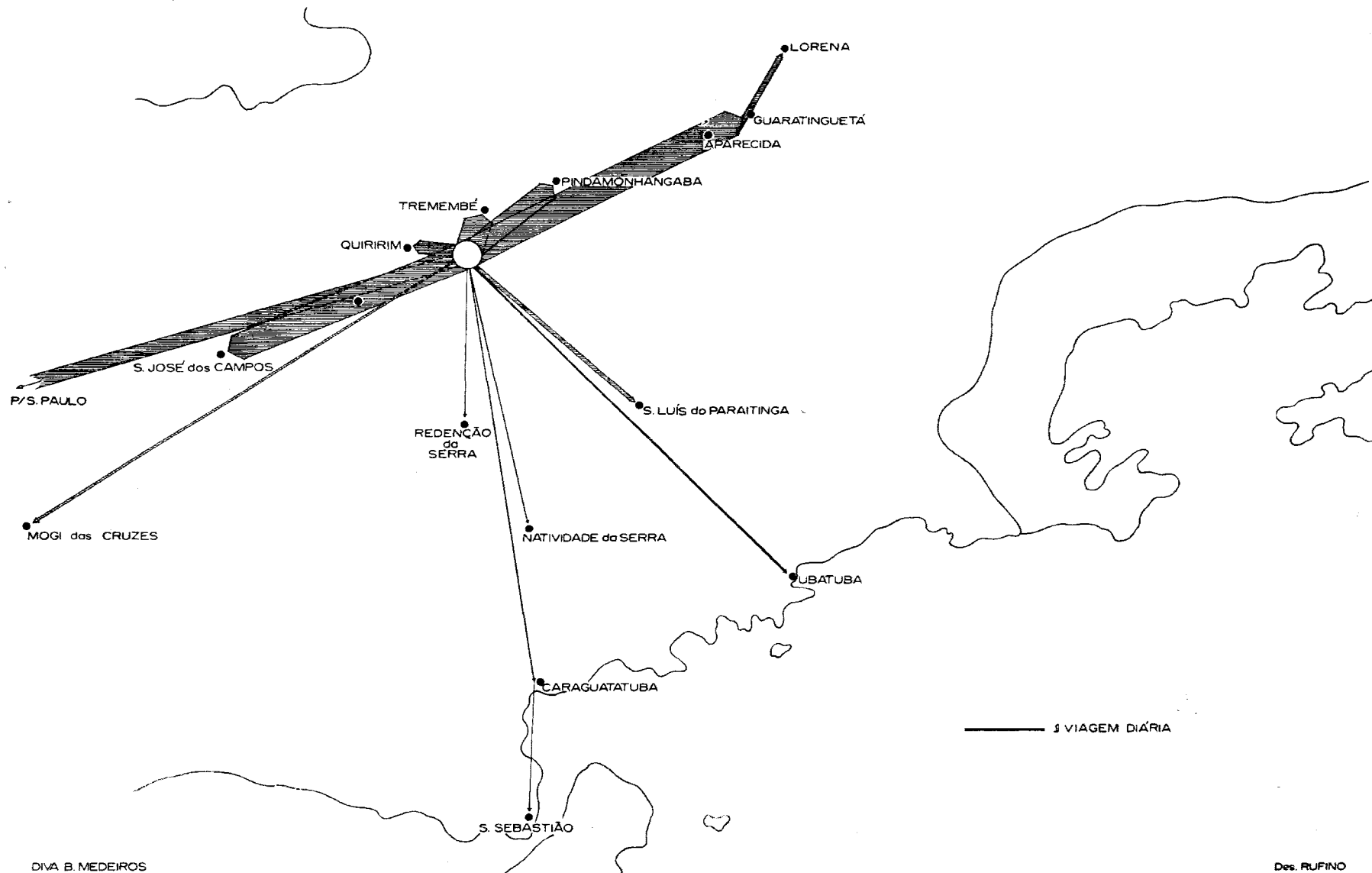


Fig. 28

ÁREA DE INFLUÊNCIA DA CIDADE DE TAUBATÉ

———— ÁREA DE AUDIÇÃO DA RÁDIO LOCAL
----- ÁREA DE DISTRIBUIÇÃO DOS JORNAIS LOCAIS

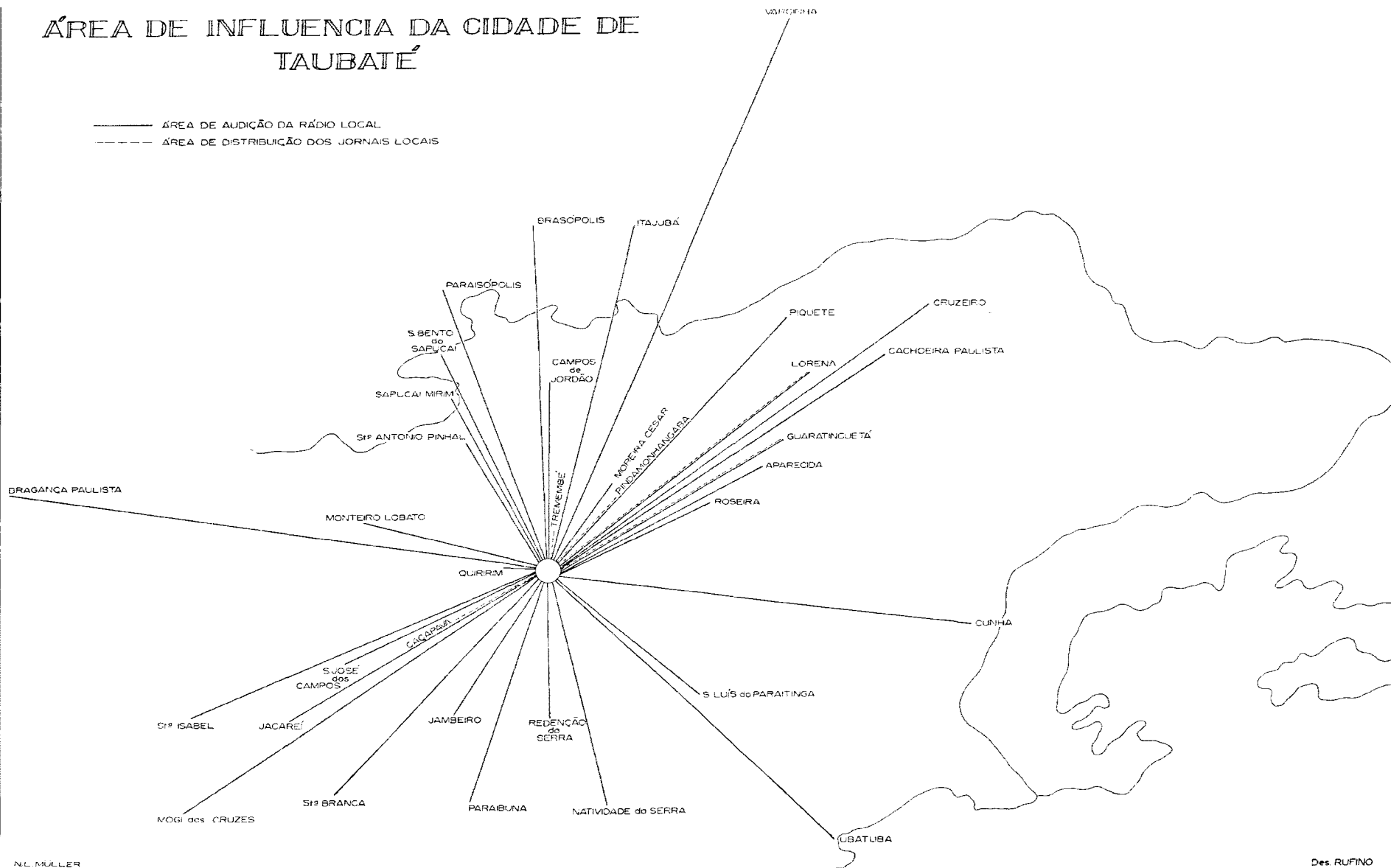


Fig. 29

de São José dos Campos e Guaratinguetá e, dentro dessa faixa, pelos ramais que se dirigem de Taubaté para Tremembé e Pindamonhangaba. Estas duas cidades têm ligações muito íntimas com Taubaté, dada sua proximidade, o mesmo ocorrendo, embora em menor escala, com o núcleo de Quiririm. Uma segunda categoria de relações, por ordem de intensidade, são as que se fazem com Lorena e São Luís do Paraitinga; seguem-se as ligações com Moji das Cruzes (fora da bacia do Paraíba) e Ubatuba, no litoral norte, e, finalmente, com apenas uma viagem por dia, as com Caraguatatuba e São Sebastião, também no litoral norte, e com Natividade e Redenção da Serra. Percebe-se que, além da indiscutível posição de destaque que Taubaté ocupa no vale médio do Paraíba, sua influência se faz sentir também no vale superior e chega a ultrapassar a região.

A distribuição dos jornais de Taubaté sofre a concorrência dos da capital, motivo pelo qual, na direção desta, os jornais taubateenses chegam apenas até Caçapava; no sentido oposto têm maior divulgação, atingindo as cidades de Tremembé, Pindamonhangaba, Lorena e Guaratinguetá. Na representação da área de audição da transmissora local de rádio tem-se a mais ampla área de influência de Taubaté, que então se define por várias unidades: 1 — cidades do vale médio, de Jacareí a Cruzeiro; 2 — cidades da vertente setentrional do vale médio, como Santa Isabel, Monteiro Lobato e Piquê; 3 — cidades do vale superior, de Santa Branca a Cunha e 4 — cidades fora da região, tais como Bragança Paulista, Ubatuba e, o que é mais significativo, cidades do outro lado da Mantiqueira, como Santo Antônio do Pinhal, São Bento do Sapucaí, Campos do Jordão e as cidades sul-mineiras de Sapucaí-Mirim, Paraisópolis, Brasópolis, Itajubá e Varginha.

Assim, embora contando com poucos elementos, já se pode perceber o papel de capital regional desempenhado por Taubaté, função de centralidade, que corresponde, aliás, à sua posição geográfica no conjunto do vale médio do Paraíba em território paulista.

BIBLIOGRAFIA

1. AB'SÁBER, Aziz Nacib e BERNARDES, Nilo — "Parahyba Valley, Serra da Mantiqueira and São Paulo City and Surroundings", *Guia de Excursão* n.º 4 do XVIII Congresso Internacional de Geografia. Rio de Janeiro, União Geográfica Internacional, 1956.
2. ALMEIDA, Antônio Roberto de — *Relatório da Província de São Paulo*, 1854.
3. CAMARGO, Gentil — "Originais para um almanaque de Taubaté, 1871", in *O Momento*, Taubaté, 1943.
4. CASAL, Aires do — *Corografia Brasílica* (fac-simile da edição de 1817). Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1945.
5. FRANÇA, Ary — "A marcha do café e as frentes pioneiras", *Guia de Excursão* n.º 3 do XVIII Congresso Internacional de Geografia. Rio de Janeiro, União Geográfica Internacional, 1960.
6. GIOLO, Pedro — *Imprensa de Taubaté*, Taubaté, 1960.
7. GUISSARD FILHO, Félix — *Convento de Santa Clara*. São Paulo, Ed. Atheneas, s.d.

8. GUIARD FILHO, Félix — *Jacques Felix*, São Paulo, Ed. Athenas, c.d.
9. GUIARD FILHO, Félix — *Nomes, limites e brasões — Itacuruçá*. São Paulo Ed. Athenas, 1960.
10. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — *Produção Industrial*, 1954.
11. MAGALHÃES, Basílio de — “Documentos relativos ao bandeirismo paulista e questões conexas, no período de 1664 e 1700, peças históricas todas existentes no Archivo Nacional, e copiadas, coordenadas e anotadas, de ordem do governo do Estado de São Paulo”, *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Estado de São Paulo*, Vol. XVIII, 1913, p. 275-544.
12. MÜLLER, Daniel Pedro — “Ensaio de um quadro estatístico da Província de São Paulo”. São Paulo, Tip. Costa Silveira, 1838 (reedição literal de *O Estado de São Paulo*, 1923).
13. “Recenseamento demográfico, escolar e agrícola-zootécnico do Estado de São Paulo”, 1934.
14. Recenseamentos Gerais do Brasil de 1900, 1920, 1940, 1950 e 1960.
15. *Relatório da Comissão Central de Estatística da Província de São Paulo*, 1888.
16. SAINT-HILAIRE, Auguste de — *Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e São Paulo* (1822), 2.^a edição, tradução de Affonso de E. Taunay. São Paulo, Ed. Nacional, 1938.
17. SPIX, J. B. von e MARTIUS, C. F. P. von — *Viagem pelo Brasil*, tradução de LÚCIA FÜRQUIM LAHMEYER. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1938.
18. TAUNAY, Affonso de E. — “O caminho terrestre entre São Paulo e Rio de Janeiro”, *Anais do Museu Paulista* Vol. III, 1923, pp. 194-243.
19. ZALUAR, Augusto Emílio — *Peregrinação pela Província de São Paulo* (1860-61). São Paulo, Ed. Cultura, 1943.
20. ZEMELLA, Mafalda P. — “O abastecimento da Capitania de Minas Gerais no século XVIII”, *Boletim 118 de Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, História da Civilização Brasileira* n.º 12. São Paulo, 1951.

SUMMARY

In this monography, which is the result from researchs undertaken by emerited professors NICE LECOCQ MÜLLER shows us Taubaté, since the beginning of its localization until the actuality.

Detaching in the present work the richness of details, which the author said, relating the geographical situation, geology and topography to the importance political-economic of that which is denominated “Bacia de Taubaté”. Describing the utilization of the urban space she focalizes the landscape contrasts that results of expansion of the own city, the indications of evolution, cycles through which it passing, since the foundation of the village in XIV Century. In relation to the economic situation of the region, NICE LECOCQ MÜLLER, describes the agricultural evolutive cycle, since the beginning to the apogee, at its fall by absence of human arms to keep them, and their consequent substitution by the industry, now the support of the Taubaté's economy.

The description of the streets and places, its houses, the commerce, the industries, the transports, give us a perfect notion of the físic feature of the city, and when she refers to the urban space utilization, makes observations to the desired rational utilization of hills in which they will make future divisions. In the next chapter that the author related the social and cultural life of the city, she says about the spacial distribution of the free professions, the class associations, the public services, the school departments, the amusing houses, and the divulgation systems, and when she focalizes the urban problems, according of the Public Services she give us the idea of the constant growing of demographic phenomenon of regions in frank progress.

After the author relates about the divulgation of the city by the journal and radio, she speaks of the limitation of the first by the concurrence that make the journals of the capital and large penetration of the second that take vast land of the paulista territory. Finishing, NICE LECOCQ MÜLLER, alluding the function of Taubaté like a regional capital, that corresponds at its geographical position in middle of the Paraíba valley, in paulista territory.

Resumo de PÉRICLES SANTOS CRUZ.

Versão de YEDA THEREZA DA CRUZ RANGEL.

RÉSUMÉ

Dans cet étude, NICE LECOCQ MÜLLER, après des recherches faites dans divers travaux géographiques, nous décrit la ville de Taubaté, depuis sa naissance jusqu'au moment présent.

Avec une grande richesse de détail, l'auteur nous fait connaître non seulement la situation géographique, géologique et topographique mais aussi l'importance politique-économique de ce qui a été dénommé “Bassin du Taubaté”.

En parlant de l'aménagement de l'espace urbain elle fait ressortir les contrastes du paysage avec ses vestiges des divers cycles d'évolution qui correspondent au développement de la ville elle-même depuis sa fondation au XVI^{ème} siècle. La région de Taubaté a été d'abord une région agricole. Aujourd'hui, l'industrie est le soutien de son économie.

Par la description des rues, des jardins publiques, des divers types d'habitation, du commerce et de l'industrie, des moyens de transports et de l'utilisation rationnelle des collines pour de futurs lotissements de terrains, nous pouvons avoir une notion de l'aspect extérieur de la ville. Quant à sa vie sociale et culturelle, NICE nous parle des associations de classes, des services publics, des institutions d'enseignement, des centres de divertissements et de divulgation en faisant ressortir le constant accroissement du taux démographique, ce qui démontre l'essor de la région.

Après avoir étudié la presse écrite et parlée et la limitation de la première qui souffre de la concurrence des journaux de la capitale de l'État en opposition à la pénétration de la seconde que s'étend sur une grande superficie du territoire de São Paulo, NICE, pour conclure attribue la fonction de capital régionale exercée par Taubaté à sa position géographique dans l'ensemble de la vallée moyenne du Paraíba.

Resumo de PÉRICLES SANTOS CRUZ.

Versão de OLGA BUARQUE DE LIMA.